



Sistema **OCB**
CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº15 • JUL/AGO. 2014

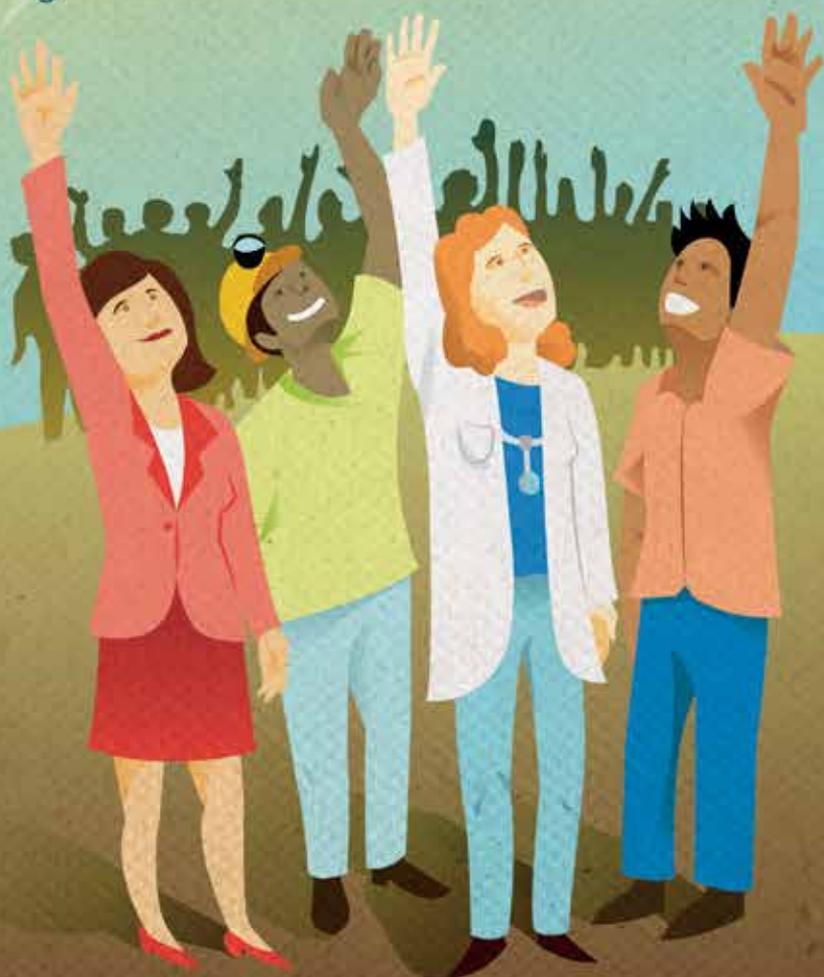
SABER COOPERAR

A REVISTA DO COOPERATIVISMO



EXCELÊNCIA NOTA 10

**APERFEIÇOAMENTO DE
GESTORES REFLETE EM
QUALIDADE DE VIDA
PARA COOPERADOS E
MELHORA RESULTADOS
DAS COOPERATIVAS**



**PARA O MUNDO
COOPERATIVAS
PERNAMBUCANAS SE DESTACAM
NA EXPORTAÇÃO DE FRUTAS**

**FORÇA JOVEM
PRÁTICAS COOPERATIVISTAS
MARCAM PRESENÇA NA ESCOLA
EM MINAS GERAIS**



Desenvolvimento Sustentável para todos
 “Juntos podemos construir um mundo melhor”

Vem aí mais uma edição do Prêmio Nacional de Redação do Programa Cooperjovem. Nós, do Sistema OCB, convidamos você, aluno do ensino fundamental das cooperativas educacionais e da rede pública de ensino, a participar. Este ano, o tema é “Juntos podemos construir um mundo melhor”. Contamos com sua participação.

premioredacaocooperjovem.brasilcooperativo.coop.br



Somos todos um

A busca pela melhor gestão é uma prática diária que, seguindo o fundamento do cooperativismo, visa não só à excelência das cooperativas, mas à melhoria constante da qualidade de vida de associados e sociedade em geral. Por isso estamos permanentemente de olho nos resultados dos diversos ramos cooperativistas. A matéria de capa desta edição mostra bons exemplos do que se faz Brasil a fora.

Como é amplo o campo em que as cooperativas demonstram seu progresso, a reportagem terá desdobramentos na próxima edição da revista. É assim que a *Saber Cooperar* convida o leitor a acompanhar o processo, que reflete um trabalho voltado sempre para o bem comum.

Nosso olhar atento à qualidade de vida se aprimora neste ano, em que vamos eleger quem melhor nos representa entre candidatos ao cargo máximo da nação, o de presidente, além de senadores, governadores e deputados. É mais uma oportunidade em que o cooperativismo pode atuar como movimento organizado, a partir de avaliações criteriosas na escolha de nossos representantes. Para tanto, o Sistema OCB lançou a cartilha especial Cooperativismo e Eleições. Lá estão dispostas, em linguagem clara e bem-ilustra-

da, todas as questões que ajudam a orientar a cooperativa e o associado no processo eleitoral.

A meta é, cada vez mais, caminhar juntos. Por isso também estamos sempre em busca da satisfação do cooperado. Desenvolvido pelo Sistema OCB, o índice Felicidade Interna do Cooperativismo é uma valiosa ferramenta de aferição e acompanhamento da relação cooperado-cooperativa. Como se sabe, pessoas felizes geram sempre bons resultados - o que repercute no bem comum. Lado a lado, estamos construindo um mundo melhor.

Boa leitura.

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB





SistemaOCB

CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO V • Nº 15 • JUL/AGO. 2014
ISSN 2317-5109

CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Denísio Augusto Liberato Delfino – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

João Batista Ferri de Oliveira – Titular

Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

REPRESENTANTES DA OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

CONSELHO FISCAL

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrijo Primo – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

André Pimentel Pontes – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampin – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

Gilcimar Barros Pureza – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasini – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Renato Nobile – Superintendente

Gerência Geral OCB

Tânia Zanella

Gerência Geral SESCOOP

Karla Oliveira

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** - órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** - entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** - integrante do "Sistema S", responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



Gerência de Comunicação

Daniela Lemke

Conselho Editorial

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Maria Helena Varnier Manhães, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Gabriela Prado (DRT/DF-6882)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final
Grupo Informe - Comunicação Integrada

Edição

Chico Neto
com Gabriela Prado

Reportagem

Ana Cristina Vilela, Dijanira Goulart e Viviane Marques

Diagramação

Vanessa Farias

Versão digital

Diego Soares

Fotografia

Flora Egécia

Capa / Ilustração

Luciana Bastos

Revisão

Beth Nardelli

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica Brasil

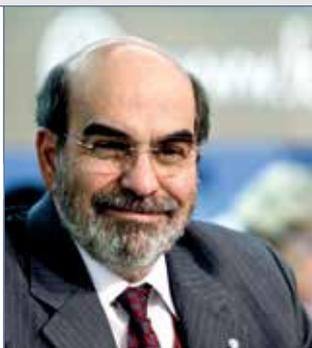
A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco "T" • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936

06

CONEXÃO COOPERATIVA

O olhar das lideranças públicas sobre o cooperativismo, movimento que não para de crescer



08

ENTREVISTA

O diretor-geral da FAO, José Graziano da Silva, aponta o cooperativismo como caminho para buscar viabilidade econômica

14

CAPA

Cooperativas investem no aperfeiçoamento de gestores e cooperados, que atuam na construção de uma sociedade mais equilibrada



SUMÁRIO



22

ESPECIAL

Sistema OCB encaminha propostas cooperativistas à Presidência da República

24

BOAS PRÁTICAS

9º Prêmio Cooperativa do Ano cria incentivo para que se compartilhem bons exemplos Brasil a fora

26

NOSSO BRASIL

Cooperativas de Pernambuco se projetam no cenário internacional com padrão de qualidade cada vez melhor

32

GOVERNANÇA

Verbas do Fundecoop ajudam SESCOOP Tocantins a desenvolver um quadro de capacitação de dirigentes, cooperados e conselheiros

34

PERSONAGEM

Aprendizado das práticas cooperativistas na escola marca a vida de jovens, como o adolescente mineiro Leandro Ferreira

38

INOVAÇÃO

Em São Paulo, cooperativas de reciclagem se destacam pelo diferencial de trabalhar com projetos fundamentados em parcerias civis



44

BEM-ESTAR

Ferramenta para medir o índice de felicidade do cooperado reforça a mobilização em prol do bem-estar coletivo

48

COOPERANDO

III Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo estreita os laços com o meio acadêmico

51

ARTIGO

Presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, destaca a importância do Dia de Cooperar como elemento que amplia a solidariedade

52

FIQUE DE OLHO

Acompanhe o movimento e as principais realizações nas diversas unidades cooperativas de todo o Brasil

54

MEMÓRIAS

Roberto Rodrigues relata como um simples presente quase complicou sua vida durante uma viagem à África



“ A formação profissional, aliada ao processo contínuo de capacitação, consiste em ações primordiais para o cooperativismo se fortalecer e crescer. Além disso, a governança é outro aspecto fundamental na gestão, pois contribui para superar barreiras. ”

CERGIO TECCHIO,
presidente do Sistema Oceb

“ O processo eleitoral é uma oportunidade privilegiada que o movimento cooperativista tem para fazer os candidatos se comprometerem com a sua agenda no próximo ciclo político, tanto no nível executivo quanto no legislativo. ”

LEONARDO BARRETO,
doutor em ciência política pela Universidade de Brasília (UnB) e diretor de Política do Instituto FSB Pesquisa

“ Somente por meio de estratégias bem definidas e após a análise de todo o contexto de nosso segmento no país será possível avançar como sistema e de forma efetiva. Eis aí a importância da Diretriz de Comunicação que está sendo construída pelo Sistema OCB. ”

RONALDO SCUCATO,
presidente do Sistema Ocemg

“ As cooperativas possibilitam a concretização do pleno emprego, na acepção econômica do termo, viabilizando e conectando talentos individuais às necessidades de mercado, cada vez mais numerosas. ”

ARIANE COSTA GUIMARÃES,
jurista

“ A Constituição Federal expressamente indica ser o cooperativismo uma modalidade de organização social a ser incentivada. Com regras claras, procedimentos transparentes e rigidez procedimental, pode haver um bom relacionamento entre o poder público e o sistema cooperativo. ”

JAIRO GILBERTO SCHÄFER,
juiz auxiliar da Presidência do Superior Tribunal de Justiça (STJ)



“ Neste ano eleitoral, temos de estar conscientes da importância da nossa participação no processo democrático, na escolha de candidatos que, assim como as nossas cooperativas, tenham em mente e busquem a sustentabilidade de resultados para todos. ”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS,
presidente do Sistema OCB



O cooperativismo deixou de ser apenas uma doutrina bonita, apurada e reconhecida mundialmente, para converter-se em um grande e eficaz instrumento de transformação da sociedade humana. ”

MARCOS ZORDAN,
presidente do Sistema Ocesc

“ O desenvolvimento de forma organizada da atividade mineral promove o crescimento igualitário de seus associados, aumentando a demanda por produtos e empregos, fortalecendo a economia local. ”

SÉRGIO PAGNAN,
coordenador do Conselho Consultivo do Ramo Mineral



Um modelo inovador

Há mais de 30 anos trabalhando com agricultura, segurança alimentar e desenvolvimento rural, o agrônomo José Graziano da Silva é uma referência internacional nessa área. Em 2003, foi nomeado ministro extraordinário da Segurança Alimentar e Combate à Fome do governo Lula e comandou a equipe que implantou o programa Fome Zero. Desde 2012, atua como diretor-geral da Food and Agriculture Organizations of the United Nations (FAO). Ao longo de sua trajetória, tem se destacado como grande incentivador de organizações de agricultores e cooperativas de pequenos produtores. Em entrevista à *Saber Cooperar*, Graziano destaca o cooperativismo como um caminho para buscar viabilidade econômica e responsabilidade social de forma a enfrentar choques econômicos e financeiros.



Mais do que crescer economicamente, fenômeno que diversos países da América Latina e Caribe estão experimentando, é necessário crescer com uma distribuição de riqueza mais equânime. ”





Com a experiência de ter sido representante da FAO na América Latina, o senhor foi eleito diretor-geral da organização e ficará no cargo até julho de 2015. Sua chegada ao posto seria uma confirmação da posição que o Brasil ocupa na elaboração e coordenação de políticas que visam à segurança alimentar mundial?

Antes de tudo, o Brasil representa para a comunidade mundial um exemplo de país que decidiu dizer: “Fome nunca mais”. Trata-se de um compromisso de toda a sociedade, de Estado, não só de um governo. O Brasil decidiu erradicar a fome de maneira integral, por meio de uma série de políticas públicas que não apenas versam sobre o cenário atual, mas que também criam medidas para evitar a perpetuação da fome de geração em geração. Esse exemplo vem inspirando outros países e regiões e representa a mesma visão proposta pela FAO à comunidade internacional.

O Brasil tem evoluído muito no quesito segurança nos últimos anos, com a redução da vulnerabilidade alimentar. Internamente, as autoridades brasileiras estão preparadas para o desafio de fazer do país um exemplo do segmento? O maior impasse do país está nas dimensões territoriais ou é político?

Os números apresentados pelo Brasil são significativos. O Brasil já alcançou a meta do milênio de reduzir pela metade a proporção da população subnutrida, teve sua conquista reconhecida pela FAO e

é fonte de inspiração para dezenas de outros países que lutam pela segurança alimentar. E, nos últimos 10 anos, cerca de 36 milhões de pessoas superaram a condição de miséria. Há, porém, sempre novos desafios a serem superados, como dar seguimento e acelerar o processo de mobilidade social, além de intensificar os esforços em áreas mais remotas do território, trabalho que vem sendo realizado pelo governo.

Estamos no Ano Internacional da Agricultura Familiar e a FAO pede aos governos que aumentem o apoio aos pequenos produtores. Como esse apoio pode ser oferecido? Há estudos ou estratégias para incentivar a participação de jovens e mulheres na produção? A partir de dados da FAO que apontam a agricultura familiar como predominante (mais de 90%) na produção agrícola mundial, seria correto entender a agricultura familiar como uma das principais armas contra a fome?

Governos podem apoiar o setor criando marcos jurídicos, instituições, políticas públicas e programas de desenvolvimento especificamente orientados para a agricultura familiar, com vistas a incrementar a produção agrícola, erradicar a pobreza e alcançar a segurança alimentar. Podem ainda facilitar o acesso à terra, à água e a outros recursos naturais, além de implementar políticas públicas de crédito, assistência técnica, seguros, acesso aos mercados, compras públicas e tecnologia. Uma iniciativa bem-sucedida tem sido a conexão dos cir-

cuitos da agricultura familiar com os programas de compras públicas de alimentos por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o vínculo com a alimentação escolar. Os agricultores familiares desenvolvem sistemas agrícolas baseados na diversificação de cultivos e preservam os alimentos tradicionais, contribuindo para uma dieta equilibrada e para a proteção da biodiversidade agrícola mundial. Pertencem a redes territoriais e culturas locais e gastam a maior parte da renda nos mercados locais e regionais, gerando muitos empregos agrícolas e não agrícolas. Os circuitos de produção e consumo locais baseados na agricultura familiar têm um papel importante na luta contra a fome, especialmente quando estão vinculados a políticas de proteção social focadas nas necessidades das pessoas vulneráveis.

O que o Brasil tem feito e o que ainda pode fazer para fortalecer os agricultores familiares?

Em primeiro lugar, desde o início do programa Fome Zero, tem sido forte o vínculo da agricultura familiar com a estratégia nacional de segurança alimentar, mostrando que um país não pode abrir mão de uma rede de mais de 4 milhões de agricultores que produzem essencialmente alimentos. Em segundo lugar, foram adotadas diversas políticas específicas para os agricultores familiares, como o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), o Programa de Aquisição de Alimentos e o Programa Nacional de Assistência Técnica e Exten-

são Rural. O crédito para a agricultura familiar no Brasil é o que mais cresceu desde 2003/2004. Naquele biênio, foram destinados R\$ 5,4 bilhões ao Pronaf, valor que já representava quase o dobro do que havia sido orçado em 2002/2003. Esse crédito aumentou constantemente ano após ano, quando atingiu R\$ 21 bilhões em 2013/2014, o que representa um crescimento de 290% em dez anos. Além disso, houve redução substancial das taxas de juros do Pronaf e aumento significativo dos limites de crédito por operação, tanto de custeio quanto de investimento. Ainda há algumas lacunas a serem preenchidas, como a melhoria do acesso de agricultores familiares a serviços públicos e a consolidação da agricultura familiar na agenda de infraestrutura rural do país.

O ano de 2014 marca uma década de criação do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), da FAO, que garante mercado para milhares de pequenos produtores no país. O senhor poderia enumerar as principais conquistas do programa nesses últimos dez anos?

Foram aprendidas muitas lições durante esse tempo. Destaco duas mais emblemáticas: a primeira é o próprio desenho inovador e desafiador do PAA, por meio do qual produtos são comprados e distribuídos em nível local e regional, criando sólidos circuitos curtos de comércio e aquecendo a economia. Trata-se de um aspecto fundamental para um país de dimensões continentais como o Brasil. A segunda é a relação

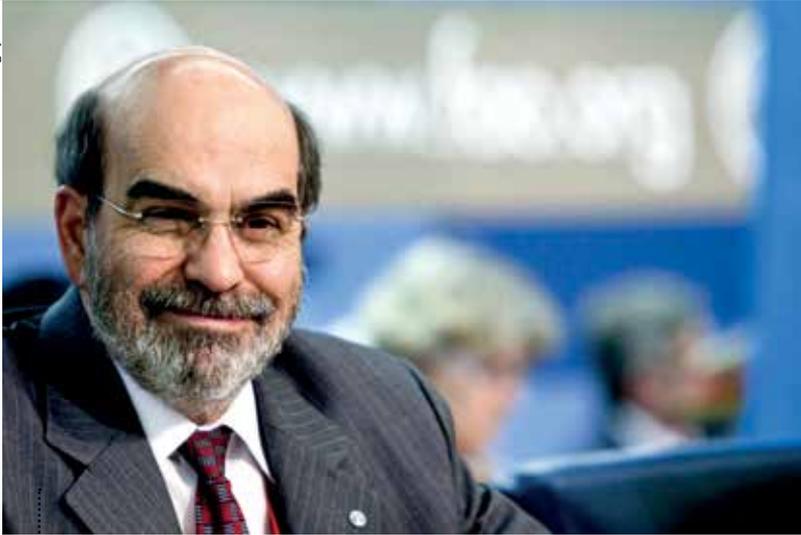


Devemos estimular a composição de cooperativas de agricultores familiares. Quando se reúnem, conseguem superar em melhor condição os obstáculos enfrentados, como a dificuldade de acesso aos bens e aos mercados e a falta de participação na elaboração de políticas. ”

da produção oriunda da agricultura familiar com as famílias em estado de insegurança alimentar e com produtos diversificados, em grande parte frescos, e adaptados à dieta histórica e cultural das regiões. Atualmente, dezenas de países se inspiraram nessa dinâmica e a adaptaram de distintas maneiras às suas realidades.

O cooperativismo pode auxiliar as famílias no processo de produzir e comercializar, evitando as grandes perdas que ocorrem atualmente? Nesse sentido, qual a dimensão da importância do cooperativismo para a agricultura familiar?

Devemos estimular a composição de cooperativas de agricultores familiares. Quando se reúnem, conseguem superar em melhor condição os obstáculos enfrentados, como a dificuldade de acesso aos bens e aos mercados e a falta de participação na elaboração de políticas. Por meio de ações coletivas, os agricultores familiares podem desenhar os próprios caminhos para sair da pobreza e fazer suas vozes serem ouvidas. Nesse sentido, as cooperativas contribuem para melhorar significativamente a negociação do agricultor e aumentar seu poder de mercado. Unidos, os agricultores familiares podem minimizar os impactos das perdas de alimentos e resíduos com ações conjuntas pela coordenação de produção, armazenamento e comercialização. Assim, todo o sistema alimentar ganha em eficiência.



O Brasil já alcançou a meta do milênio de reduzir pela metade a proporção da população subnutrida, teve sua conquista reconhecida pela FAO e é fonte de inspiração para dezenas de outros países que lutam pela segurança alimentar. ”

Que rumos o Brasil e, em particular, o setor cooperativista devem seguir para o país se firmar como um exemplo mundial na produção sustentável de alimentos?

O cooperativismo brasileiro é um bom exemplo mundial, tanto pela participação no PIB agropecuário quanto pelo número de famílias que fazem parte do sistema, que, em grande parte, é de agricultores familiares. Em minhas participações em eventos internacionais, tenho chamado a atenção para o fato de que o cooperativismo enfrenta um enorme desafio: a redução das desigualdades, principalmente no meio rural. Mais do que crescer economicamente, fenômeno que diversos países da América Latina e Caribe estão experimentando, é necessário crescer com uma distribuição de riqueza mais equânime.

O senhor coordenou a elaboração do Fome Zero, dando também início à sua implementação. Como vê, hoje, a participação do setor

cooperativista no programa?

Desde o início do programa Fome Zero, sempre acreditei ser relevante o papel do abastecimento de grandes e médios centros urbanos com a produção diversificada que é oferecida pela agricultura familiar. A grande rede de cooperativas de que o país dispõe tem atuado para garantir os grandes contratos de alimentação escolar e do PAA. Cooperativas também fortalecem a economia de seus associados, transferindo o excedente para os investimentos nas comunidades rurais e nas famílias. As cooperativas ajudam, ainda, na manutenção da mobilidade social, abrindo espaço para que os agricultores comercializem seus produtos, tenham acesso a processos de capacitação e se beneficiem de outras políticas públicas. Sabemos também do esforço mundial, com forte presença da liderança da Organização das Cooperativas Brasileiras, nos esforços de promover os princípios cooperativistas para apoiar a organização de pequenos produtores e sua participação ao longo da cadeia agroalimentar, por meio de ações coletivas que contribuem com a construção de identidade das regiões com seus produtos e marcas.

Hoje, somos mais de 1 bilhão de cooperativados no mundo e mais de 44 milhões no Brasil. Além da geração de trabalho e renda, o cooperativismo gera divisas econômicas para seus países. Considerando essa grandiosidade do movimento e com vistas a dar mais visibilidade ao setor, a

ONU declarou 2012 como Ano Internacional das Cooperativas. De que maneira essa ação impactou a imagem do setor?

Em dezembro de 2009, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas proclamou o ano de 2012 como o Ano Internacional das Cooperativas para celebrar como as “empresas cooperativas constroem um mundo melhor”. Entre os principais impactos do AIC 2012 em relação ao mandato da FAO, está o aumento da conscientização sobre a importância do papel que as cooperativas agrícolas, empresas com dimensões tanto econômicas quanto sociais, desempenham na redução da pobreza e na melhoria da segurança alimentar. Foram lançadas medidas de apoio às cooperativas, como o Fundo Cooperativo para o Desenvolvimento Global (GDC), uma iniciativa do AIC em parceria com a FAO. Também estamos trabalhando com a Fundação Rabobank para facilitar o acesso a serviços financeiros de pequenos produtores na África, incentivando a criação de pequenos negócios e sua inserção em cadeias produtivas.

De que forma se dá a atuação da FAO na orientação às organizações de produtores e cooperativas?

Com uma nova abordagem em suas parcerias, a FAO tem estabelecido relações de longo prazo com organizações não estatais, especialmente as cooperativas. Temos experiência no apoio a essas entidades. A FAO capacita agricultores e os estimula a se organizarem em cooperativas. Facilita, igualmente, o intercâmbio

de experiências e assistência técnica entre organizações e cooperativas de países (norte-sul e sul-norte). Além disso, a FAO incentiva governos a estabelecerem ambientes propícios para as organizações de produtores e cooperativas, por meio do desenvolvimento de marcos regulatórios favoráveis e de plataformas participativas de diálogo com o setor público. Também tem divulgado, em seus documentos oficiais e relatórios anuais, as atividades e políticas relacionadas às cooperativas.

Além de oferecer cooperação técnica a grupos de pequenos e médios produtores, a FAO prevê o fomento do cooperativismo em outras frentes, como geração de crédito, profissionalização, qualidade de vida e geração de renda?

A FAO desempenha um importante papel ao ajudar agricultores na obtenção de maior parcela do valor acrescentado na cadeia de abastecimento de alimentos. Por sua vez, as cooperativas, são igualmente peças-chave no fortalecimento do poder de negociação. De toda forma, creio ser necessário melhorar a posição competitiva das cooperativas e dos agricultores de modo geral. É preciso inovar produtos, garantir sua qualidade, fornecer segurança. Nesse sentido, a FAO tem apoiado as cooperativas nas fases posteriores da cadeia alimentar, com o estímulo à adoção de medidas para aumento de esforços de marketing e para a orientação aos consumidores.

O que falta para o cooperativismo ser de fato uma prática comum no

mundo, considerando todas as suas vantagens?

Apesar da dinâmica criada pelo Ano Internacional das Cooperativas (AIC 2012), acredito que ainda são necessárias algumas ações. Governos, por exemplo, devem ser mais sensíveis a essas organizações. Precisam reconhecer e promover seu desenvolvimento cooperativo, oferecendo o melhor caminho para que os agricultores familiares possam acessar recursos econômicos e participar da elaboração de políticas rurais. Além disso, creio ser importante chamar a atenção da comunidade internacional sobre a significativa contribuição das organizações de produtores e cooperativas para o desenvolvimento sustentável, no contexto da agenda de desenvolvimento global pós-2015. No mais, agricultores devem reunir condições para tomar posições de maneira mais autônoma. Governos e parceiros precisam apoiar a dinâmica e as capacidades de organizações já existentes.

Na sua avaliação, qual é o principal legado do cooperativismo?

O setor cooperativista tem um modelo de desenvolvimento inovador. A última crise econômica e financeira nos fez olhar para as novas estruturas organizacionais, juntamente com os bancos e as multinacionais. É também um lembrete para a comunidade internacional no sentido de ser possível buscar tanto a viabilidade econômica quanto a responsabilidade social em face de choques econômicos e financeiros. ■



Em busca da excelência

Focar em aprimoramento constante, investir na capacitação e apostar na qualidade de vida são os passos trilhados pelas cooperativas a caminho da melhor gestão



Ao assumir a presidência da Federação das Unimed's do Estado do Ceará, em 2012, Darival Brigel notou poucos funcionários com curso superior e nenhum com pós-graduação. A partir disso, a educação tornou-se prioridade, por meio de um programa de incentivo aos estudos. Cada cooperativa, em parceria com a OCB/CE, pagaria 70% da mensalidade de cursos pré-selecionados, desde que o aluno apresentasse boletim ou avaliação de desempenho. “Hoje, 70% da equipe têm curso superior e 40%, pós-graduação”, conta, orgulhoso.

Como estímulo, os funcionários passaram a ter participação nas sobras de suas cooperativas, gerando um comprometimento que melhorou a qualidade do atendimento e criou maior proatividade em todas as filiadas. Tal processo preparou o terreno para mudanças no modelo de gestão. Atualmente, das dez cooperativas da federação, três permanecem como operadoras de saúde e sete se tornaram prestadoras de serviço. “Com isso, reduzimos custos e partimos para a construção de uma estrutura própria de atendimento”, explica Brigel.

Se a educação foi o caminho escolhido pela federação cearense para iniciar a busca por melhores resultados, a eficiência na gestão ainda é um desafio em muitas empresas cooperativistas, independentemente de ramo ou região. Sobre esse aspecto, o trabalho de aprimoramento das relações entre cooperados e sociedade, com foco na

demarcação da presença cooperativista como vetor de desenvolvimento do país, é constante.

CRESCIMENTO

Entre as cooperativas, aperfeiçoar a gestão e a governança se tornou essencial, entre outros fatores, devido à concorrência e ao crescimento na quantidade de associados. Segundo dados do Sistema OCB, entre 2004 e 2013 o número de cooperados aumentou 73% no país. Atualmente, são 11,5 milhões, ligados a 6.827 cooperativas, que geram 338 mil empregos diretos. O ranking *Melhores e Maiores*, publicado este ano pela revista *Exame*, listou 65 empresas cooperativistas ligadas ao Sistema OCB entre as maiores em vendas no Brasil. Hoje, 51 figuram entre as 400 maiores do ramo Agronegócios e outras 14 constam no ranking de Saúde, Serviços Financeiros e Transporte.

Clara Maffia, gerente Técnica e Econômica do Sistema OCB, observa: “Em termos econômicos, os resultados das cooperativas têm sido significativos, e isso faz com que elas sejam mais atrativas e reconhecidas. Há uma preocupação de profissionalizar, e para isso desenvolvemos programas específicos, alguns voltados a determinados ramos e suas necessidades”.

Gestão eficaz, governança, transparência e investimento em capacitação, além da prestação de um serviço de excelente qualidade, são as principais demandas para o SESCOOP - que apoia as cooperati-



vas para se modernizarem e tornarem-se cada vez mais eficientes, obtendo resultados financeiros sem perder de vista os princípios e valores cooperativistas. Na prática, isso ocorre, entre outras formas, por meio de promoção de cursos, oferta de bolsas de estudos disponibilização de *software* para uma melhor decisão gerencial em questões de governança e gestão.

A pós-graduação em Cooperativismo, por exemplo, criou engajamento dos participantes e resultou na formação de multiplicadores de conteúdo entre funcionários e associados das unidades nas quais o curso foi oferecido. Mas quando se fala em gestão, a maior aposta do Sistema OCB no momento está centrada em três frentes: Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC), Programa de Acompanhamento da Gestão das Cooperativas (PAGC) e Gestão do Desenvolvimento da Autogestão (GDA). (veja quadro)

Para Susan Miyashita Vilela, gerente de Desenvolvimento da Gestão de Cooperativas do Sistema OCB, as cooperativas detêm uma política de governança mais sofisticada e forte que as empresas mercantis: “Os cooperados participam das decisões, isso está na essência do negócio. Claro que entre cooperativas há diferentes níveis de maturidade na gestão, e o PDGC foca muito nesse ponto”.

ORGANIZAÇÃO

Em busca dessa maturidade, a Cooperativa de Transportes de Cargas do Estado do Espírito Santo (Coopgranéis) participou do PDGC, em 2013, e agora repete a dose. “É um diagnóstico fantástico que nos deu a visão dos principais pontos a serem trabalhados, como comunicação e a parte social”, comenta o gestor da instituição, José Alaor Braga, atualmente em fase de conclusão de uma pós-graduação em Cooperativismo.

Há três anos, a Coopgranéis vem efetuando forte investimento na melhoria dos processos. Com aproximadamente 500 associados e clientes como Vale do Rio Doce e Chocolates Garoto, é a única do ramo, no estado, a deter a certificação ISO 9001. Entre os procedimentos adotados para estruturar a gestão, destacam-se a interligação das informações administrativo-financeiras e a realização de cursos, bem como treinamentos para funcionários e associados. “Padronizamos compras, contratos, processos e estamos qualificando mão de obra e cooperados. Em um ano, planejamos ter nossa própria sede”, conta Braga.

A cooperativa obteve, da OCB/ES, uma certificação de regularidade técnica, com 86% de aproveitamento na análise que considera a participação no PDGC e uma avaliação *in loco*. Tal acompanhamento abrange as 27 cooperativas do ramo no estado. “Fizemos visitas técnicas, levantamos as necessidades e, a partir daí, com diretoria e colaboradores, traçamos um plano de melhoria que engloba gestão,



Há uma preocupação de profissionalizar, e para isso desenvolvemos programas específicos, alguns voltados a determinados ramos e suas necessidades. ”

CLARA MAFFIA,
gerente Técnica e Econômica
do Sistema OCB



“Em todas as cooperativas que crescem, há uma tendência natural de que cooperados se distanciem da direção. Somos todos donos, e as ações do cooperado têm consequências.”

TARCÍSIO CAMPOS,
coordenador de Educação
Cooperativista e Técnico-Científica da
Unimed João Pessoa



governança, legislação e mercado”, esclarece David Duarte Ribeiro, analista técnico do Sescop/ES responsável pelo ramo Transporte.

Como gestor, Braga está ciente de que ainda há muito a fazer: “Um dos desafios é obter o mesmo reconhecimento do mercado de uma empresa mercantil e valorizar a autoestima do associado para que ele se envolva no dia a dia da cooperativa. O investimento em cursos e a inspeção da emissão de poluentes e da estrutura dos caminhões agregam valor ao produto que ele vende”.

Para Abel Paré, coordenador nacional do ramo Transporte, o papel do Sistema OCB será estimular ou investir em um programa de certificação da qualidade concomitante ao PDGC. “O lançamento da Central Nacional de Compras pode ser um incentivo para vincular tecnologias, padrões e procedimentos”, sinaliza. “Vejo muitas dificuldades pela falta de um modelo de governança.”

Atualização constante é uma necessidade indiscutível, avalia Paré, para quem este segmento cooperativista, em especial o setor de cargas - caso da Coopgranéis - precisa modernizar sua gestão e governança. “Vão se tornar mais fortes as cooperativas que passarem por um processo de transformação, modernizando o modelo operacional, investindo em tecnologia e tornando o processo decisório mais dinâmico”, antevê o gestor.

VALORIZAÇÃO

Assim como na Coopgranéis, qualificar o corpo gestor e seus

cooperados e aproximar o quadro social das discussões internas estão entre os maiores desafios do setor cooperativista. Na Unimed João Pessoa, tal questão foi enfocada na pós-graduação em Cooperativismo, desenvolvida como MBA em Gestão de Cooperativas de Saúde, numa parceria com o Sistema Sescop OCB/PB. “Em todas as cooperativas que crescem, há uma tendência natural de que cooperados se distanciem da direção”, assinala Tarcísio Ramos, coordenador de Educação Cooperativista e Técnico-Científica da cooperativa. Para ele, é necessário realizar um processo de educação cooperativista baseado em democratização, transparência e comunicação. Caso contrário, os princípios cooperativistas são distorcidos. “Somos todos donos, e as ações do cooperado têm consequências”, conclui.

“A maior parte dos cooperados da área médica não tem muito conhecimento do que é uma cooperativa e a sua diferença para uma operadora de saúde”, aponta o cardiologista Mário Toscano, um dos 28 concluintes, em 2013, do MBA na Unimed João Pessoa. Para ele, todos os alunos do curso cresceram como profissionais ao compreenderem a importância de suas participações, e hoje estão mais integrados ao dia a dia da cooperativa. “Vimos de que modo uma cooperativa de saúde atua a favor de seu associado e como o cooperativismo é uma forma melhor de ver o mundo”, afirma.

Motivações e resultados seme-



Quiosques da Coopcone, em Manaus: organização fortalecida ao se tornar cooperativa

lhantes ocorreram na outra Unimed que recebeu a pós-graduação. Chamada Gestão da Promoção e Assistência à Saúde na Perspectiva do Cooperativismo, a atividade resultou de uma parceria entre a Fundação Unimed, a Unimed Ceará e o Sescop/CE que reuniu 28 colaboradores e diretores. “Idealizamos o curso pensando na necessidade de um novo modelo de atenção à saúde e na valorização dos nossos profissionais”, conta Francisco Bastos, diretor de Auditoria Médica e Promoção da Saúde da Unimed Ceará.

Em João Pessoa, o MBA gerou desdobramentos: ainda este ano, será ministrado um curso interno sobre gestão no cooperativismo, tendo como instrutores alguns for-

mandos de 2013. A ideia é reunir 50 alunos por turma, entre cooperados e gestores técnicos, em duas aulas mensais. “Um pleito do planejamento estratégico para 2015 é compor uma nova turma de MBA”, revela Campos.

FORMAÇÃO DE DIRIGENTES É PRIORIDADE

Em Manaus (AM), a Cooperativa dos Comerciantes da Ponta Negra (Coopcone), classificada no ramo Consumo, reúne cooperados, donos de 25 pontos de venda de bebidas no único balneário da capital. Para seu presidente, Wolder Nogueira de Souza, o grupo, antes uma associação, fortaleceu a sua

organização ao se tornar uma cooperativa, em 2011. Hoje, as barracas são padronizadas, os funcionários usam uniformes e crachás, a compra de bebidas é feita em conjunto – garantindo preços competitivos – e há um depósito para armazenar as mercadorias. Em parceria com a unidade estadual do Sistema OCB, a Coopcone, por ocasião da Copa do Mundo de Futebol, promoveu ainda um curso de línguas como preparação para receber os turistas. Além disso, cooperados e seus filhos têm acesso ao ensino de informática.

Souza, no entanto, percebe que ainda é preciso incentivar, entre os associados, a importância de participar dos processos decisórios. “Já falei em reuniões e assembleias que é preciso haver mais interesse em participar das qualificações. Quero que cuidem bem da cooperativa porque ela é nossa”, assinala o presidente, que, por precaução, mudou o regimento interno, possibilitando, futuramente, terceirizar a administração da Coopcone.

Márcio Valle, coordenador nacional do ramo Consumo, confirma que a dificuldade para formar dirigentes foi identificada no diagnóstico nacional do ramo, apresentado em agosto, em Brasília. Ele percebe que as cooperativas de Consumo costumam recorrer ao Sistema S em busca de cursos genéricos, como informática e atendimento. “A formação de líderes deve ser fortalecida e cuidadosamente inserida entre os objetivos econômicos e a filosofia cooperativista”, opina. Susan Miyashita Vilela reforça: “Uma cooperativa sem viabilida-



O Sistema OCB permite que saibamos cada vez mais sobre o cooperativismo, fortalecendo a noção de transparência. Isso nos ajuda a amadurecer a gestão financeira e administrativa dentro do cooperativismo.”

Gilson Camboim,
presidente da Cooperativa dos
Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto

de econômica não sobrevive. Uma cooperativa sem viabilidade social não tem razão de existir”.

No ramo, Valle explica, há cooperativas de grande porte que, com boa estrutura em suas gestões, promovem iniciativas bem-sucedidas de formação do quadro social. Outras precisam de oportunidades, como treinamentos e viagens para conhecer casos de sucesso no Brasil e no exterior, mas não têm recursos financeiros para esse investimento. “Certamente teremos que analisar cada uma das 122 cooperativas registradas no Sistema OCB para identificar suas necessidades”, adianta Valle. “Entre elas estão, além da formação de dirigentes, ações para melhorar a gestão cooperativista, formação específica no negócio e o acompanhamento das questões tributárias, maior problema que temos hoje, visto que recebemos o mesmo tratamento que outras empresas de compra e venda.”

GOVERNANÇA

Com 250 mil cooperados e 92 mil empregados em todo o país, as cooperativas de saúde crescem rumo a mudanças significativas de governança, adotando critérios profissionais na sua gestão executiva. “A dificuldade encontra-se na falta de profissionais qualificados e na constante necessidade de atualização devido à regulação pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS)”, observa André Pacelli, diretor que acompanha o ramo.

Firmou-se, recentemente, um

Acordo de Cooperação Técnica entre a ANS, a OCB e as cooperativas, visando qualificar todos os elementos da cadeia. “Está previsto o intercâmbio de informações e a realização de estudos, eventos e ações para o aprimoramento nos processos de governança e gestão no ramo”, avisa Pacelli. “Além disso, um programa de formação específico para cooperados e empregados do ramo Saúde está em desenvolvimento, em parceria com a Fundação Unimed.”

Enquanto isso, novas lideranças surgem nos diversos ramos cooperativistas. Gilson Camboim, 36 anos, desde fevereiro está à frente da Cooperativa dos Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto (Coogavepe), fundada há apenas sete anos em Peixoto de Azevedo (MT). Atualmente com 4 mil cooperados, a instituição é uma das sete cooperativas do ramo Mineral registradas na OCB/MT. “É um jovem bastante atuante, e tenho a impressão de que nos ajudará a organizar o ramo, que tem uma gestão profissional ainda incipiente”, afirma Onofre Cezário, presidente do Sistema OCB/MT.

Um passo importante, segundo Cezário, será a reabertura do Instituto para o Desenvolvimento do Cooperativismo Mato-Grossense (Indecoop), inativo há mais de dez anos e com vistas a ser o mantenedor do Instituto Superior de Ensino e Pesquisa do Cooperativismo do Sistema OCB/MT. Abre as portas, já com reconhecimento do MEC, em abril de 2015. “A OCB/MT tem de ser indutora para a forma-



ção de dirigentes e executivos, enquanto a própria cooperativa, com o Sescop, investe nos cooperados. Por sua atuação, Camboim deve integrar a próxima turma de pós-graduação”, informa o presidente.

Conhecido como incentivador dos garimpos, Camboim sabe que, embora vistos como inimigos da natureza, quando legalizados, eles são importantes para a economia local. “Garimpos geram renda, receita e, hoje, têm estruturas que permitem a atuação com o meio ambiente e a comunidade”, defende. “Como os garimpos têm um tempo limitado de duração, nós nos preocupamos em recuperar a vegetação, preservar e criar novas atividades econômicas na região, como fruticultura e apicultura.”

O número de cooperados entre os garimpeiros vem aumentando, segundo Camboim, porque os trabalhadores querem atuar de forma legalizada e com oportunidades de crescimento. “O Sistema OCB permite que saibamos cada vez mais sobre o cooperativismo, fortalecendo a noção de transparência. Isso nos ajuda a amadurecer a gestão financeira e administrativa dentro do cooperativismo”, assinala ele, que, com o intuito de aperfeiçoar a automação contábil e financeira da Coogavepe, enviou um técnico a Cuiabá para desenvolver um software em parceria com o Sescop.

CAMINHOS ABERTOS

Assim como a amazonense Coocpone, única cooperativa do país formada por associados que atuam em barracas de praia, a mineira Coopeventos tem a marca do ineditismo. A Cooperativa de Trabalho dos Garçons e Profissionais Similares em Promoções e Eventos da Região Metropolitana de Belo Horizonte reúne 80 prestadores de serviços para festas e eventos, entre cerimonialistas, DJs, garçons, manobristas, intérpretes e outros. Capitaneada pelo mestre de cerimônias Job Martins, a instituição surgiu para suprir uma carência de profissionais referenciados para serviços temporários em restaurantes, bares e bufês. “As contratações de fim de semana estavam virando um problema trabalhista. Agora, os profissionais que reforçam equipes nos dias de mais movimento podem ser recrutados conosco”, explica Martins.

A cooperativa está começando a atuar mais efetivamente agora, embora esteja se organizando desde 2008. A regulamentação da Lei nº 12.690/2012 pode ser um estímulo ao surgimento de novas cooperativas no ramo, ao mesmo tempo em que vai obrigá-las a se estruturarem de maneira mais profissionalizada. É o que aponta o coordenador nacional na OCB, Geraldo Magela: “Nossa expectativa é de que as cooperativas terão importante papel na geração de postos de trabalho, principalmente nas pequenas cidades e periferias. Mas a lei instituiu instrumentos que farão com que elas aperfeiçoem ainda mais seus processos de gestão”.

Magela lembra que o Sescop vem implementando programas que ajudam a suprir as necessidades do ramo, contemplando, por exemplo, os que trabalham o gênero feminino e os jovens. “Face à nova realidade, teremos a necessidade de programas voltados à capacitação dos dirigentes e demais gestores, considerando as especificidades do ramo”, avalia Magela. A observação parece valer para todas as demais cooperativas.

O desafio está lançado e o caminho, em pavimentação. Com novas avaliações e iniciativas em curso, o Sistema OCB - com a atuação da OCB, do Sescop e da CNCoop - mostra-se atento aos movimentos necessários para a missão de capacitar e profissionalizar a gestão e a governança das cooperativas brasileiras. O tema não se encerra. Na próxima edição, você vai conhecer as conquistas e necessidades na gestão das cooperativas dos ramos Infraestrutura e Agropecuário. ■

VOCÊ SABIA?

O Brasil, atualmente, contabiliza 11,5 milhões de cooperados.

Em 2013, as cooperativas do ramo Transporte do Espírito Santo arrecadaram R\$ 6,4 milhões em tributos.

O país tem 122 cooperativas de consumo registradas no Sistema OCB.

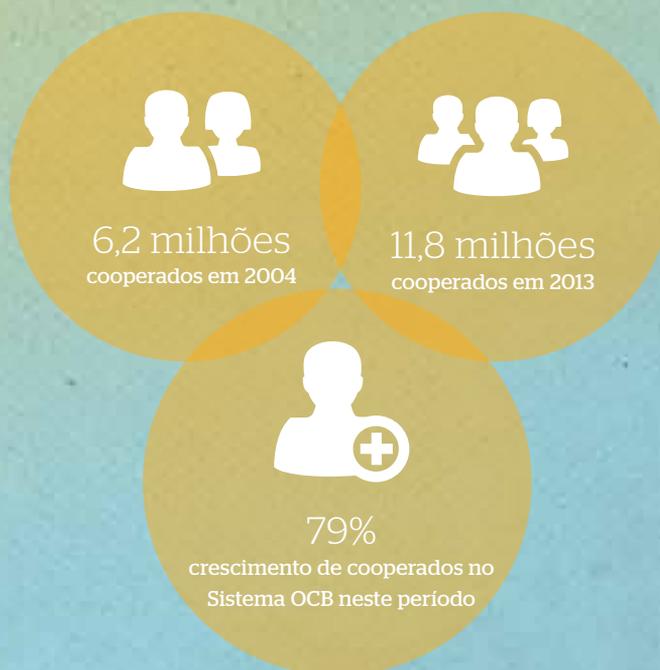
As 977 cooperativas de trabalho brasileiras reúnem 228,6 mil cooperados e geram cerca de 1,9 mil empregos diretos.

Desse total, a maioria das cooperativas nacionais (38,33%) fica na região Nordeste. Em seguida vêm Sudeste (36,19%), Norte (13,56%), Sul (6,42%) e Centro-Oeste (5,50%).

Na saúde privada, 433 das 1.258 empresas de planos de saúde no Brasil são cooperativas - isso equivale a 34% das operadoras com registro ativo na Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS).

Ainda segundo dados da ANS, as cooperativas médicas e odontológicas atendem 24 milhões de usuários.

SISTEMA OCB NO BRASIL





Juntos por um Brasil melhor



Quem vencer o segundo turno das eleições presidenciais terá no cooperativismo um dos mais fortes e importantes aliados para a administração do Brasil

Vivenciar o processo da democracia é prática diária do cooperativismo. Este ano, em especial, sinaliza a importância da participação das cooperativas na hora de eleger seus representantes junto ao poder - presidente, governadores, senadores e deputados. Por natureza engajado na participação de tudo que diz respeito aos rumos do país e pensando sempre nos reflexos para o movimento cooperativista, o Sistema OCB se mobiliza para sensibilizar os candidatos sobre os potenciais e as necessidades do setor. Para tanto, elaborou um documento com as principais propostas do cooperativismo para a próxima gestão - entre 2015 e 2018 -, destacando seu papel na economia brasileira a partir de indicadores bastante representativos.

A publicação, intitulada *Propostas do cooperativismo à Presidência da República* e dirigida aos candidatos ao cargo máximo da nação, foi produzida com base nos fóruns regionais de 2013, nas ações para formulação do próximo planejamento estratégico 2015-2025 do Sistema e em uma pesquisa reali-

zada com lideranças cooperativistas, com o envolvimento direto da diretoria da OCB.

“Este é o momento para reforçar os principais pleitos do movimento cooperativista, pontos que consideramos determinantes para o crescimento sustentável do setor e, conseqüentemente, de todo o Brasil”, destaca o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “Precisamos aproveitar os contextos eleitoral e econômico para evidenciar a necessidade que o cooperativismo tem de ser reconhecido, cada vez mais, como uma importante ferramenta para o desenvolvimento do país.”

As propostas reúnem os anseios de mais de 6,8 mil cooperativas dos 13 ramos. “O reconhecimento do ato cooperativo e do papel do cooperativismo, no Brasil, são algumas das principais demandas apresentadas”, resume o dirigente. Ele destaca que o setor cooperativista, com suas particularidades, deve ser visto como um modelo societário diferenciado que precisa de legislações e políticas públicas específicas.

Seis principais linhas demar-

cam o encaminhamento dessas propostas assinaladas no documento. A primeira, *Reconhecimento da importância econômica e social do cooperativismo*, ressalta o movimento cooperativista como um modelo econômico sustentável com poder de aprimorar as políticas de inclusão social e geração de renda. A seguir, vem *Ato cooperativo e simplificação da carga tributária*, tema que propõe a adequação do trato tributário ao cooperativismo. Um processo de adaptação é o que também propõe a linha *Moderнизação da lei geral das cooperativas*, que sugere a criação de mecanismos institucionais atualizados para abranger as necessidades da natureza jurídica das sociedades cooperativas.

As outras três linhas que permeiam as *Propostas do Cooperativismo à Presidência da República* são *Acesso a crédito e linhas de financiamento público pelas cooperativas*, que sugere mecanismos para ampliar a estrutura dos negócios cooperativos; *Segurança jurídica e regulatória para o cooperativismo*, que reivindica maior clareza nos critérios adotados pelos órgãos reguladores e de fiscalização das atividades do meio; e *Eficiência do Estado e gestão pública*, onde se defende a melhor utilização dos recursos públicos. O material faz parte de um mix de ações desenvolvidas para divulgar os interesses das cooperativas junto a políticos, formadores de opinião e representantes do setor em âmbito nacional e internacional.

Quem vencer o segundo turno das eleições presidenciais terá no

cooperativismo - modelo que já ultrapassa a marca de 1 bilhão de pessoas no mundo e que, no Brasil, só em 2013, foi responsável pela venda de produtos a 143 países - um forte aliado. "As cooperativas são empreendimentos sustentáveis, que valorizam a participação dos seus associados, a gestão democrática e o interesse pela comunidade", lembra o presidente do Sistema OCB. "Tudo isso junto só pode resultar em uma coisa: qualidade de vida para a família brasileira." A largada foi dada.

CARTILHA ELEITORAL

Antes da entrega do documento aos candidatos a presidente, o Sistema OCB lançou a *Cartilha Cooperativismo e Eleições - 2014*, um guia para o cidadão cooperativista. A publicação, distribuída desde antes do primeiro turno, está disponível tanto em formato encadernado quanto na versão digital e é composta por quatro seções.

A primeira, *Entendendo as eleições*, tem informações básicas. Por meio de capítulos elaborados em linguagem clara e reforçados por ilustrações, explica a origem do processo eleitoral, lembrando o papel do cidadão ao ajudar a definir, o futuro do Brasil. Também aborda os votos nulos ou em branco. Além de apresentar dados numéricos que reforçam a importância da representação política do cooperativismo, orienta o cooperado a ter senso crítico para escolher um candidato efetivamente comprometido com a causa cooperativista.

A segunda seção, *Eleições 2014*,

enumera os cargos em disputa - informação complementada por um mapa em que o eleitor pode verificar a distribuição dos cargos em cada estado -, bem como o papel do vice e dos suplentes. Há explicações detalhadas sobre os procedimentos da propaganda eleitoral, além de um guia completo sobre o que é permitido e o que é vetado, tanto para candidatos quanto para eleitores. Continua valendo para o segundo turno.

Cooperativismo e eleições, a terceira parte da cartilha, descreve a atuação política das sociedades cooperativas no país. "A cooperativa deve ter consciência dos seus principais problemas e possíveis soluções para conscientizar os candidatos de seus anseios", orienta um trecho do texto.

Por fim, o capítulo *Legislação pertinente* fornece ao leitor os endereços eletrônicos onde poderão ser lidos, na íntegra, os textos dos principais dispositivos legais pertinentes às eleições, como, entre outros, a Lei Geral do Cooperativismo (Lei nº 5.764/1971), o Código Eleitoral (Lei nº 4.737/1965), a Lei dos Partidos Políticos (Lei nº 9.096/1995) e a Lei Complementar nº 135/2010, que trata da importante questão da Ficha Limpa. "A intenção é preparar as nossas cooperativas e os nossos cooperados para o momento eleitoral não só como cidadãos, mas principalmente como cooperados, como cooperativas e como um movimento único e organizado", alinhava a gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Fabíola Nader. ■



A hora de mostrar o talento

Em sua nona edição, Prêmio Cooperativa do Ano incentiva o compartilhamento de bons exemplos



185

Total de cooperativas participantes do prêmio. O número supera o da última edição, realizada em 2012, quando houve 138 participações



273

Número de projetos inscritos este ano. Em 2012, foram 212

21 estados

10 ramos

Cooperativas de todo o país divulgam suas iniciativas de sucesso, participando do Prêmio Cooperativa do Ano 2014. Além de evidenciar boas práticas, o prêmio é uma forma de estimular o desenvolvimento de ações semelhantes por outras organizações do setor. O superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile, explica que a intenção é destacar projetos que tenham proporcionado benefícios aos seus cooperados e à comunidade como um todo; uma forma de fomentar o espírito cooperativista e o compromisso com o desenvolvimento pessoal e a qualidade de vida dos cooperados.

“Vejo a participação das cooperativas como uma oportunidade de mostrar para a sociedade a

prática do cooperativismo”, resume. “O prêmio também é reconhecido por parceiros institucionais e veículos de comunicação, fato que põe em evidência a força do cooperativismo e seu papel transformador na sociedade local.” Ele destaca a importância da premiação como geradora de experiências às quais outras cooperativas possam ter acesso, adaptando as inovações à sua própria realidade.

CATEGORIAS

A exemplo de 2012, a premiação é dividida em sete categorias: Desenvolvimento Sustentável, Cooperativa Cidadã, Comunicação e Difusão do Cooperativismo, Fidelização, Benefícios, Atendimento e Inovação e Tecnologia. (veja quadro)

Um dos desafios é estimular um maior número de cooperativas a participar da seleção. A 9ª edição do Prêmio Cooperativa do Ano reforça a tendência de simplificação dos meios de fazer a inscrição. “O hotsite simplificou e uniformizou a participação das cooperativas na disputa, fato que gerou um aumento no número de projetos cadastrados”, explica Renato Nobile. “A nossa intenção era oferecer um processo de inscrição simples e, ao mesmo tempo, seguro.” A OCB trabalha de maneira a facilitar o acesso a todas as cooperativas. Além disso, o contato mais próximo das unidades estaduais com as instituições também contribui para essa maior participação.

BONIFICAÇÃO

O Prêmio Cooperativa do Ano 2014 segue o mesmo formato da edição anterior, porém com uma novidade. Será concedida uma bonificação às cooperativas que participam de algum programa do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop). São eles: Programa de Acompanhamento da Gestão Cooperativista (PAGC), Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC) e Programa de Desenvolvimento Econômico-financeiro (GDA).

Serão premiados os três primeiros lugares de cada categoria. Os vencedores receberão troféu e certificado. A entrega dos prêmios será em solenidade organizada pelo Sistema OCB, marcada para 25 de novembro, em Brasília (DF). ■



Renato Nobile: reconhecimento da premiação “põe em evidência a força do cooperativismo e seu papel transformador”





A união faz a força da uva no Vale do São Francisco

Cooperativas pernambucanas operam com padrão de qualidade superior e ajudam a fazer do Brasil uma referência em exportação

Em um típico dia de sol e clima seco, o fruticultor Jailson Lira nos oferece um cacho de uvas no seu parreiral, na cidade de Petrolina (PE). “Ainda não estão no ponto”, avisa o presidente da Cooperativa de Produtores Exportadores do Vale do São Francisco (CoopexVale). Ele é o especialista, devia estar certo. Porém, as frutas, da variedade Crimson, deliciaram a equipe da Saber Cooperar que, numa manhã de junho, foi conhecer a produção de uvas do município. Desde os anos 1990, aquela região vem se destacando no cultivo de frutas - em especial, das uvas de mesa, aquelas que se destinam ao consumo in natura. Por ali, os princípios cooperativistas se fortalecem a cada dia e criam meios para que pequenos agricultores tenham acesso a inovação tecnológica e apoio logístico, fatores que contribuem para que os produtos da região sejam, atualmente, reconhecidos pelo alto padrão de qualidade e certificados para mercados rigorosos, como Estados Unidos e Inglaterra.

O desenvolvimento da fruticultura traz riqueza à região. Dados oficiais informam que Petrolina liderou, no mês de junho, o ranking da geração de empregos no estado, e os lançamentos imobiliários pela cidade são um bom termômetro de desenvolvimento. E como foi possível brotar tanta fartura do solo seco da caatinga? Do rio São Francisco, os canais de irrigação levam a água ao semiárido, no caso, o perímetro irrigado Senador Nilo Coelho - com 16,5 mil hectares, o maior entre os mantidos pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf). Na maioria das propriedades, a incidência de sol o ano inteiro dá doçura aos frutos e possibilita a colheita em dois semestres. Conforme anunciado por Elmo Vaz Bastos de Matos, presidente da Code-



Flora Egécia



A gente vê que está no caminho certo quando os produtores direcionam toda a sua produção para a cooperativa, mesmo tendo liberdade para negociar. ”

JAILSON LIRA,
presidente da CoopexVale

vasf, a região responde hoje por 99% das exportações brasileiras de uva de mesa, montante que ultrapassou 43 mil toneladas, em 2013, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Além da CoopexVale, têm sede em Petrolina e são filiadas à OCB a Cooperativa dos Exportadores de Frutas do Vale do São Francisco (Coopexfruit), a Cooperativa Agrícola Nova Aliança (Coana) e a Cooperativa Agrícola Juazeiro (CAJ). Por ali, a maioria das propriedades tem até 10 hectares. As cooperativas viabilizam, a pequenos agricultores, o armazenamento em câmaras frias (a baixa temperatura é essencial na conservação das frutas e o equipamento requer investimento alto). Oferecem ainda assistência para que as uvas sigam padrões que as credenciam a entrar nos exigentes mercados nor-

COOPEXVALE

A crise das exportações, em 2009, gerou uma guinada na cooperativa, surgida em 2004 com 30 produtores. Reformulada, a instituição amplia a sua câmara fria de 1,3 mil m² para 2 mil m². Tudo foi feito com investimento dos associados. Em 2013, os ingressos foram de R\$ 24 milhões e apenas 20% desse montante tiveram origem na exportação de uvas. Para crescer 10% este ano, a Coopexvale vem investindo em novas variedades da fruta, com matrizes importadas da Califórnia. O resultado é que, pela primeira vez, a câmara fria funcionou ininterruptamente. Com cursos ministrados pelo SESCOOP, a área administrativa também recebe investimentos em capacitação. “A gente vê que está no caminho certo quando os produtores direcionam toda a sua produção para a cooperativa, mesmo tendo liberdade para negociar”, comenta Jailson Lira, presidente da cooperativa.

Associados: 23

Funcionários: 20

Município: Petrolina (PE)

Área cultivada: 250 hectares

Serviços: Controle de qualidade, venda de insumos, fornecimento de embalagens, câmara fria, logística de vendas e recebimentos

Variedades de uvas

comercializadas: Red Globe, Itália, Benitaka (Brasil, Rosé e Melhorada); Crimson, Festival e Arra 15



COPEXFRUIT

Com foco na exportação, destaca-se por ter uma mulher na presidência há três anos. Tânia Bené lidera os 21 associados da Copexfruit, que, em 2013, exportou 1,782 milhão de quilos contra 376,5 mil vendidos para o mercado interno. Isso significa que 85% de sua produção seguiram para o exterior. Há três cooperados que cuidam da negociação com países estrangeiros. Assim como em suas concorrentes, as certificações de qualidade nacionais e internacionais garantem a venda para Inglaterra, países da Europa Continental e Canadá. No Brasil, as uvas da Copexfruit chegam às regiões Sul e Sudeste. “Fiz um passeio de barco no Rio São Francisco e, na explanação, a guia disse que as frutas da região vendidas no Brasil têm qualidade inferior. Não é verdade, o padrão de qualidade é o mesmo da exportada”, relata a presidente, que diz ter preferido não rebater o comentário da tripulante.

Associados: 21

Funcionários: 3 (área adm.)

Município: Petrolina (PE)

Área cultivada: 101,8 hectares

Serviços: Controle de qualidade, fornecimento de embalagens, câmara fria, logística de vendas e recebimentos

Variedades de uvas

comercializadas: Festival (Sugraone), Crimson, Thompson e Benitaka

te-americano e europeu. Certificações como Global G.A.P. (Europa), Tesco (Inglaterra) e PIF (Mapa), entre outras, são seguidas à risca.

O investimento no cultivo da uva é alto: entre R\$ 60 mil e R\$ 65 mil ao ano por hectare já produtivo e o dobro para iniciar a plantação. Garantir retorno financeiro é outra função das cooperativas. Na CoopexVale, por exemplo, técnicos agrícolas usam lupas para analisar as gemas nos ramos das parreiras enviadas pelos produtores, o que permite saber quantos cachos frutificarão em cada uma. “Isso determina como será feita a poda ou mesmo o corte, caso a gema mostre baixo potencial. É importante evitar perdas”, explica o agrônomo Alysson Barbosa, gerente comercial da CoopexVale.

VOANDO ALTO

Com estrutura organizacional profissional, adoção de políticas de governança e a produção dos associados em ascensão, as cooperativas de Petrolina preveem crescimento de 10%, este ano. Mas nem sempre os ventos sopraram a favor. A crise internacional, em 2008, obrigou-as a repensar o modelo de negócio. Se antes a prioridade era exportar, a recessão na Europa e nos Estados Unidos redirecionou as apostas para o mercado interno. A exceção é a Copexfruit, que permanece exportando 85% de suas uvas para Inglaterra, países da Europa Continental e Canadá. Em 2013, mais de 1,7 milhão de quilos saíram do país, contra 376,5 mil passados às prateleiras nacionais. “Exportar ainda é economica-

Flora Egécia



Tornamos um produtor com três hectares tão competitivo quanto um com 200. ”

TÂNIA BENÉ,

da Copexfruit, exportadora de uvas para Inglaterra, Canadá e países da Europa Continental

mente mais vantajoso”, justifica Tânia Bené, presidente da cooperativa.

Entre as que se voltaram ao mercado interno, o exemplo mais ouso vem da Coana. Seus 20 associados, de ascendência japonesa, cultivam 250 hectares de uva na região e, para ampliar a presença nas prateleiras nacionais, contornando a queda nas exportações, lançaram o suco Terra Sol. Para isso, os técnicos foram ao Rio Grande do Sul adquirir a *expertise* de produção. O re-

sultado foi um líquido naturalmente suave e adocicado, no qual cerca de R\$ 1 milhão foram investidos em pesquisa, produção e promoção. Paralelamente, a cooperativa voltou-se ao mercado nacional de uvas de mesa. “Houve crescimento da renda média da população e a boa aceitação da uva chilena sem semente, alguns anos atrás, criou a demanda”, afirma o presidente da Coana, Edis Ken Matsumoto.

Realidade semelhante se passa

COANA

Reúne cinco fazendas e 20 associados de ascendência japonesa, a maioria emigrados do Paraná nas décadas de 1980 e 1990. Comercializa apenas uvas, cultivadas em aproximadamente 250 hectares, mas seus associados também se dedicam ao plantio de manga e atemoia. A tecnologia é um dos pontos fortes da Coana. Na câmara fria, quando um leitor óptico identifica um pallet, toda a informação segue por internet sem fio para a área administrativa. Os associados se revezam na liderança. Segundo o atual presidente, Edis Ken Matsumoto, esta é uma forma de manter o grupo coeso. “Quando um líder permanece por um longo período, acaba se afastando dos demais”, avalia. Em 2013, a cooperativa faturou R\$ 32 milhões e comercializou 4,4 milhões de quilos. Lançado no ano passado, o suco integral Terra Sol foi outra inovação da Coana, e deve chegar a 2017 com a média de 750 mil litros produzidos por ano.

Associados: 20

Funcionários: 26

Município: Petrolina (PE)

Área cultivada: 249,7 hectares

Serviços: Câmara fria com capacidade de armazenagem de 460 toneladas, controle de qualidade e logística de vendas

Variedades de uvas

comercializadas: Thompson, Crimson, Festival (Sugraone), Itália Muscat, Midnight Beauty e Arra 15



Flora Egécia



Buscamos variedades com maior potencial produtivo. ”

EDIS KEN MATSUMOTO,

à frente da Coana, investiu mais de R\$ 1 milhão em pesquisa, produção e promoção



CAJ

Possui a infraestrutura mais robusta entre as cooperativas do Vale do São Francisco, com 56 cooperados de diversos municípios. Situadas em Petrolina (PE) e Curaçá (BA), suas câmaras frias podem receber até 2,6 milhões de quilos de frutas. A CAJ, que tem 20 anos, iniciou sua história com 32 associados oriundos da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), que encerrou suas atividades na década de 1990. Para o presidente, Avoni Pereira dos Santos, a profissionalização do ramo na região é um caminho sem volta. “As cooperativas fazem a diferença, em uma região onde ainda há ingerência política nessa atividade. Nosso papel é conscientizar os associados a produzir com ética”, avalia o presidente da CAJ, que tem 60% de seus cooperados em propriedades com áreas entre oito e 20 hectares.

Associados: 56

Funcionários: 98

Municípios: Petrolina (PE), Juazeiro, Curaçá, Casa Nova e Sobradinho (BA)

Área cultivada: 831 hectares, sendo 574 de uva

Serviços: Acompanhamento técnico em todas as etapas de produção, venda de insumos, câmaras frias em dois municípios, equipe de vendas própria

Variedades de uvas

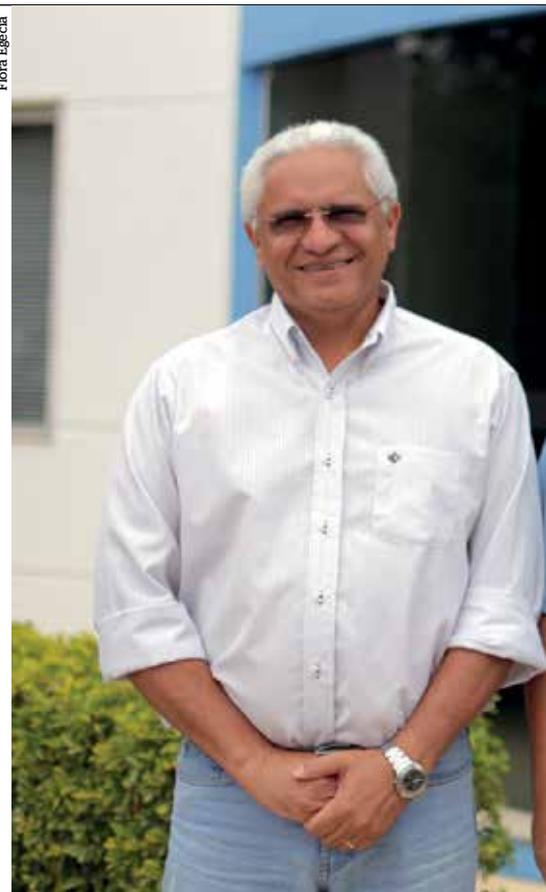
comercializadas: Itália Muscat, Thompson, Crimson, Festival e Benitaka Brasil

na CAJ. Com 56 associados, ela conta com a mais robusta estrutura física e operacional entre as cooperativas de Petrolina - onde se localizam sua sede administrativa, um galpão para a venda de insumos e uma câmara fria, com capacidade para 1,85 mil *pallets** (outra, para 1,05 pallets, está em Curaçá, na Bahia). A uva é o carro-chefe, seguida por manga, goiaba e melão. As variedades sem semente, mais uma vez, levam a dianteira nas vendas para o mercado interno, bem como representam metade do volume exportado para Inglaterra, Alemanha, Holanda e Rússia.

Em Petrolina, o cooperativismo leva o agricultor mais longe, literalmente. “Sozinho, o pequeno produtor não teria como atingir certos mercados”, comenta o presidente da CAJ, Avoni Pereira dos Santos. Um deles é Josenilton de França, cooperado há dez anos. Produz uva, goiaba e acerola em sua propriedade de oito hectares, em Petrolina, e vai até duas vezes por semana à cooperativa para adquirir insumos. Paga por eles apenas quando vende a produção. O gerente comercial da CAJ, Junior Silveira, complementa: “A cooperativa subsidia a compra de insumos, oferece assistência técnica e toda uma estrutura com a qual o pequeno proprietário não poderia contar fora dali”. A presidente da Copexfruit reforça o valor do cooperativismo para esse público. “Tornamos um produtor com três hectares tão competitivo quanto um com 200”, afirma Tânia Bené.

* Pallet (original do francês palette) é um estrado de madeira, metal ou plástico utilizado para a movimentação de cargas.

Flora Egécia



Avoni Pereira dos Santos (E), presidente da CAJ, e Junior Silveira (D), gerente comercial



Sozinho, o pequeno produtor não teria como atingir certos mercados. ”

AVONI PEREIRA DOS SANTOS, presidente da CAJ



**PERÍMETRO DE IRRIGAÇÃO
NILO COELHO
(PETROLINA A CASA NOVA, PE)**

336,21 mil t

Total de itens agrícolas produzidos
em 16,5 mil hectares

R\$ 549 milhões

Valor bruto da produção

59,86 mil t

Quantidade de frutas exportadas
entre janeiro e dezembro de 2013

97%

Produção de frutas da cooperativa -
uva, manga, coco, goiaba, acerola
e banana

** Fontes: Codevasf e Secretaria de
Comércio Exterior. Dados de 2013*

SEMENTES? NÃO, OBRIGADO.

A uva Itália, presença tradicional nas mesas brasileiras, vem cedendo cada vez mais espaço a nomes como Arra 15, Festival (ou Sugraone) e Crimson. O centro da questão é ela mesma, a semente. O consumidor descobriu que prefere pagar um pouco mais para fugir do incômodo caroço. Os produtores perceberam e as (nem tão novas) variedades vêm ocupando um percentual cada vez maior nos campos para atender à demanda que não tem mais como ser suprida apenas com a importação do Chile.

A Cooperativa Nova Aliança (Coana) e a CoopexVale investem em pesquisa e possuem parcerias com empresas americanas de melhoramento genético. “Buscamos variedades com maior potencial produtivo”, explica Edis Ken Matsumoto, presidente da Coana, que também testa sementes desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Lá, como na CoopexVale, vêm da Califórnia as variedades mais recentemente desenvolvidas, a exemplo da Arra 15, uma uva verde sem semente, de casca fina e miolo adocicado.

“Buscamos mais produtividade, com menor custo de mão de obra e boa aceitação no mercado”, resume Alysson Barbosa, gerente comercial da CoopexVale. O presidente da cooperativa, Jailson Lira, lembra que a produção, embora artesanal em vários aspectos, envolve muita tecnologia. Ele conta que os produtores são receptivos às novidades. “O Vale do São Francisco já é mundialmente conhecido como um celeiro de novas informações e tecnologia de produção. A gente busca novas tendências”, assinala.

Com os avanços, a presença humana ao longo de todo o cultivo segue primordial. Cada hectare plantado emprega até quatro pessoas - para efeito de comparação, a soja necessita, em média, de um empregado para cada 100 hectares. Gera empregos, mas faz da uva um investimento caro. No parreiral, a mão de obra predominante é de mulheres, principalmente nas delicadas etapas dedicadas ao trabalho manual. A encarregada de produção Graciete Souza Carvalho conquistou o cargo após anos de “pinicado” - técnica que consiste na retirada do excesso de frutos minúsculos que acabam de brotar. “Isso ajuda o cacho a crescer arredondado”, explica. Mas não é o suficiente. Após 15 dias, o raleio visa moldar os cachos com o uso de tesouras, dando o acabamento que resume a parceria homem e natureza, a qual faz do Vale do São Francisco uma região cada vez mais próspera. ■



Profissionalizar para crescer

Com verbas do Fundecoop, o Sescoop Tocantins investe em formação e capacitação de dirigentes, cooperados e conselheiros. A meta é o desenvolvimento do setor no estado por meio de gestão profissional e de quadros de funcionários preparados para a função

Fortalecer o cooperativismo é uma das principais metas da unidade do Sistema OCB no Tocantins, que tem registradas atualmente 41 cooperativas dos ramos Agropecuário, Financeiro, Saúde, Educacional, Produção, Trabalho, Transporte e Mineral. E o caminho é simples: cursos de formação continuada de cooperados e de dirigentes, investimentos que contam com recursos do Fundo Solidário de Desenvolvimento Cooperativo, o Fundecoop. Já foram trabalhados os projetos Organização do Quadro Social (OQS) - Elemento de Sustentação das Cooperativas do Tocantins, de 2010 até 2012; o MBA Gestão Profissionalizada das Cooperativas do Tocantins, de 2011 a 2014; e Profissionalização das Co-

operativas Tocantinenses, que começou em 2012.

“A realidade do cooperativismo tocantinense evidencia a necessidade constante de mais investimentos na capacitação e na educação dos cooperados, dirigentes, conselheiros e empregados das cooperativas”, enfatiza Maria José de Andrade Leão de Oliveira, superintendente do Sistema OCB/TO. De acordo com ela, o cooperativismo no estado, se comparado com outras unidades da federação nos quais a cultura cooperativista já está enraizada, ainda é pouco expressivo. Por isso, a necessidade da formação e do incentivo. “A importância do Fundecoop para nós do Tocantins é possibilitar o fortalecimento do cooperativismo no estado”, assegura.

Maria José destaca a participação do Fundo para o cooperativismo na região: “Antes nossos cursos eram sem continuação, agora podemos oferecer cursos de formação continuada”. E o resultado? “Quando você chega à cooperativa e escuta um presidente falar que não imagina hoje viver sem o Sescoop, vê que valeu a pena. Na prática, temos diretorias e conselhos mais preparados, e o quadro de funcionários nem se compara”, avalia.

ORGANIZAÇÃO

O projeto OQS - Elemento de Sustentação das Cooperativas do Tocantins buscou fortalecer as cooperativas por meio da participação efetiva dos cooperados. Foram contempladas seis instituições dos

ramos Agropecuário, Saúde, Financeiro e Educação, com um total de 370 participantes. “É, sem dúvida, um dos mais importantes projetos que o Sescoop do Tocantins desenvolveu até hoje”, analisa Maria José de Oliveira. O objetivo inclui oferecer ferramentas para as instituições conhecerem a si próprias e almejem melhorias na relação entre o cooperado, a cooperativa e, novamente, o cooperado; e, ainda, possibilitar a participação da família nas ações das instituições.

Entre os resultados alcançados no projeto, destacam-se o reconhecimento, por parte dos dirigentes das cooperativas beneficiadas, da importância da organização do quadro social para a sustentação das cooperativas; o levantamento e a consolidação de informações úteis à tomada de decisões, principalmente as de caráter societário; a formação de agentes cooperativistas, com a função de aproximar o cooperado da cooperativa e ainda levantar e organizar as demandas das unidades perante o Sistema OCB/TO; e a melhoria na participação dos cooperados nas assembleias e ações.

GESTÃO COM MBA

Depois da casa arrumada, é hora de ter alguém preparado para lidar com a gestão. O MBA Gestão Profissionalizada das Cooperativas do Tocantins prepara profissionais para lidar com a especificidade das cooperativas, com habilidades conceituais e operacionais que lhes permitam assumir suas gerências. O curso é realizado em parce-

ria com a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e, em sua última edição, certificou 26 alunos, entre cooperados, dirigentes e colaboradores de oito cooperativas dos ramos Agropecuário, Educação, Saúde e Financeiro.

O MBA “foi uma oportunidade de ímpar de agregar conhecimento teórico à prática vivenciada na cooperativa”, comenta a cooperativa Maria do Carmo, da Cooperativa Educacional de Formoso do Araguaia (Copefa). Gilberto Moraes, diretor-presidente do Sicoob Credipar, avalia que esses mecanismos de formação e capacitação funcionam como alavancas para dirigentes e colaboradores, permitindo maior compreensão “das várias ferramentas existentes no cooperativismo e propiciando um melhor conhecimento para todas as pessoas envolvidas no negócio”.

PROFISSIONALIZAÇÃO

Já o projeto Profissionalização das Cooperativas Tocantinenses, que começou em 2012 e está em sua segunda etapa, é um curso de educação continuada para o desenvolvimento profissional. É dividido nos programas Formação Cooperativista (Formacoop) e Gestão Empresarial em Cooperativas (Gescoop), cada um com a meta de formar 20 pessoas por edição.

Dirigentes e cooperados das cooperativas de pequeno porte são o foco do Formacoop. O objetivo é que sejam capazes de responder aos desafios das cooperativas, em contínua transformação. O conteúdo programático, elaborado de

acordo com as necessidades apontadas em visitas técnicas e em diagnósticos das cooperativas, foi dividido em sete módulos totalizando 88 horas-aula. Ao final do projeto, dirigentes e cooperados passam a utilizar ferramentas gerenciais e adotam rotinas administrativas na gestão cooperativa.

Com nove módulos e uma carga horária de 160 horas, o Gescoop busca capacitar dirigentes, conselheiros, gerentes e cooperados para o exercício da função diretiva e gerencial nos diversos níveis da estrutura de poder da sociedade cooperativa. A sua importância foi avaliada por Eugênio Pacceli, superintendente da Unimed Palmas, que participou da primeira edição: “Vejo o Gescoop como um projeto extremamente importante, uma vez que proporciona o aprimoramento profissional não só dos gestores, mas também de todos os colaboradores que atuam na área administrativa das cooperativas”.

Para Pacceli, outro aspecto importante é a interação dos integrantes das diversas cooperativas do estado, uma vez que as turmas são formadas por representantes de todas elas. “Isso, a meu ver, fortalece o sistema, pois passamos a percebê-lo como um todo e não só a nossa cooperativa de forma isolada”, destaca. “Entendo que é um projeto que deve ser consolidado. Quanto mais profissionais participarem dele, mais fortes serão nossas cooperativas e o sistema cooperativista no Tocantins.” ■





Cooperativismo de berço

Aos 12 anos, estudante de São Roque de Minas destaca os benefícios do aprendizado das práticas cooperativistas na escola

EMPREENDIMENTO COLETIVO

O Instituto Ellos de Educação foi criado por um grupo de pais que, em parceria com o Sicoob Saromcredi, se reuniram com o objetivo de estudar alternativas aos métodos de ensino até então utilizados na região de São Roque de Minas.

Consolidada como orientação da maior importância para o ensino e a profissionalização, a prática cooperativista, quanto mais cedo puder ser compartilhada, melhor. É assim que os fundamentos que levam ao aprendizado do empreendedorismo ganham espaço na vida de jovens como o mineiro Leandro Ferreira, de 12 anos, que destaca: “Depois que conheci o cooperativismo, minha vida mudou e comecei a ver as coisas de forma diferente. Sempre penso sobre o que aprendi e isso aumenta a minha vontade de ajudar”.

Aluno da quinta série do sexto ano do [Instituto Ellos de Educação](#), instituição mantida pela Cooperativa Educacional São Roque de Minas, ele teve o primeiro contato com os fundamentos cooperativistas na sala de aula, por meio do Programa Cultura Empreendedora e Cooperativista, implantado pelos estabelecimentos de ensino da cidade mineira no fim do ano passado. “Quando surgiu o projeto na minha escola, achei muito legal. Li os livros dessas matérias, me interessei e quero aprender cada vez mais”, comenta.

“Assim como outras lideranças de nossa escola, o Leandro apresenta características do comportamento empreendedor que devem ser desenvolvidas ao longo do processo escolar”, valoriza a diretora-presidente da Cooperativa Educacional de São Roque de Minas, Maria José de Faria Leite, que informa estar no cronograma a inclusão da disciplina Educação Financeira nas escolas. “Com isso, almejamos um crescimento pessoal e coletivo. A formação de lideranças cooperati-

EDUCAÇÃO



Quando surgiu o projeto de cooperativismo e empreendedorismo na minha escola, achei muito legal. Li os livros dessas matérias e quero aprender cada vez mais. ”



Divulgação

Leandro com a família: fundamentos do cooperativismo passaram a fazer parte da rotina

vistas e empreendedoras comprometidas com o desenvolvimento da comunidade é um dos objetivos da nossa escola e também do Projeto Cooperar para Empreender.”

O projeto, lembra ela, estimula os alunos a descobrirem seus talentos e conciliarem valores do cooperativismo com uma visão empreendedora. Para Leandro, as aulas ajudaram a desenvolver uma preocupação maior com o bem comum. “Entendi que o importante é pensar em ajudar o próximo e não pensar só em si. Daí, quando começaram as aulas, fui me interessando cada vez mais pelo assunto, que era novo pra mim”, relembra.

Assim como os demais alunos, o adolescente tem a oportunidade de vivenciar os conceitos cooperativistas desde a educação infantil. “Pra falar a verdade, as aulas de cooperativismo são as de que eu mais

gosto”, resume. “E eu percebo que os meus colegas também ficam interessados, porque a gente apreende coisas diferentes, novas.”

A experiência do jovem estudante o faz recomendar o estudo sobre o cooperativismo a todos, a partir da comunidade em que vive. O aprendizado, defende, é uma motivação para continuar a explorar o tema. Leandro diz que, quando se tornar adulto, pretende continuar a colocar em prática tudo que o projeto lhe ensinou. “Quero usar isso como exemplo sempre, a fim de ter um mundo melhor não só pra mim, mas para todos”, filosofa.

PARCERIA

A Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de São Roque de Minas (Sicoob Saromcredi) acompanha a Cooperativa Educacio-

nal desde sua fundação, em 1999. Além de apoiar o funcionamento da instituição por meio do repasse do Fundo de Assistência Técnico Educacional e Social (Fates), a Saromcredi atua com colaboradores que participam de trabalhos voluntários.

A importância da introdução do cooperativismo nas escolas é destacada pelo presidente da Saromcredi, João Carlos Leite: “Entendo como uma oportunidade especial para a construção de nossas futuras gerações, a partir da formação de líderes e sucessores que atuarão nas comunidades de forma consciente, solidária e empreendedora, especialmente na formação do ser humano, através de reflexões e vivências dos valores e princípios cooperativistas. Por isso, nossa preocupação é oferecer a filosofia cooperativista às crianças desde os três anos de idade, pois sabemos que durante a fase infantil é que se forma a base do caráter humano”.

Este ano, o Programa Cultura Empreendedora e Cooperativista será expandido para os demais municípios da área de atuação do Sicoob Saromcredi. Cássia, Delfinópolis, Medeiros, Pratinha, São João Batista do Glória e Vargem Bonita já são cidades que prosperam a partir desse projeto.

AULA DE CONSCIENTIZAÇÃO

Na casa de Leandro Ferreira, aprendizagem é uma atividade bilateral: os pais educam os filhos, que, muitas vezes, retribuem e levam a

eles novos conhecimentos. A prática cooperativista, por exemplo, passou a fazer parte do cotidiano da família por meio de Leandro Ferreira e de seu irmão Rafael Henrique Ferreira, de 5 anos, quando eles começaram a aprender sobre o tema dentro da sala de aula.

Em pouco tempo, os pais dos meninos perceberam as mudanças de postura dos dois. Segundo a mãe, Natália Vanessa Ferreira, as atitudes deles se voltaram para a coletividade. “Meus filhos mudaram para melhor, por isso considero as aulas sobre o cooperativismo extremamente importantes para a formação educacional de qualquer criança”, exalta. “Acredito que esse aprendizado faz e fará toda a diferença na vida deles, como estudantes, profissionais e seres humanos.”

O pai, Edvander Ferreira, fazendeiro e comerciante, conta que sempre estimulou a prática de atividades paralelas à escola, a fim de buscar o desenvolvimento do lado social dos garotos. Diz que passou a se interessar pelo cooperativismo a partir das experiências relatadas pelos filhos.

Assim funciona, na prática, a introdução dos fundamentos cooperativistas no ensino: os alunos atuam como agentes disseminadores, ao estimular os pais e a comunidade a participarem das palestras abertas promovidas pela escola. A iniciativa, segundo a mãe de Leandro, levou mudanças significativas a toda a região. A cidade começou a gerar mais renda, o que acarretou em melhorias na saúde, no lazer e na educação de toda a comunidade. ■



Assim como outras lideranças de nossa escola, o Leandro apresenta características do comportamento empreendedor que devem ser desenvolvidas ao longo do processo escolar. ”

MARIA JOSÉ DE FARIA LEITE,
diretora-presidente da Cooperativa Educacional de São Roque de Minas



Divulgação



Nossa preocupação é oferecer a filosofia cooperativista às crianças desde os três anos de idade, pois sabemos que durante a fase infantil é que se forma a base do caráter humano. ”

JOÃO CARLOS LEITE,
presidente do Sicoob Saromcredi



Divulgação



Reciclar é legal



Cooperativas de reciclagem de São Paulo dão um passo à frente e trabalham em projetos fundamentados na parceria entre cooperados, comerciantes e cidadãos

Arte reciclada

Marchetaria é uma técnica de embelezar superfícies planas de móveis, pisos, painéis e tetos com metais, pedras, plásticos e diversos materiais que, muitas vezes, podem ser encontrados no lixo ou em oficinas de reciclagem. Essa modalidade de arte pode resultar em vários tipos de objetos.



Enquanto desmonta uma impressora, da qual vai separar todas as partes para que tenham uma destinação adequada, João Batista Pereira Brito, cooperado da Coopermiti, uma central de triagem de resíduos eletroeletrônicos em São Paulo, fala da importância do que faz, tanto para ele quanto para a comunidade: “Tiramos da rua material que é perigoso e as pessoas nem sabem. É legal para o meio ambiente e é nosso trabalho, a gente depende disso”. A Coopermiti é uma das 13 integrantes da Federação Paulista das Cooperativas de Reciclagem (Fepacoore), que, legalmente constituída em dezembro de 2013, passou a funcionar em março deste ano.

Todo o processo de criação teve o acompanhamento do programa Constituição e Registro do Sescop-SP, informa o coordenador jurídico do Sistema Ocesp (Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo), Paulo Gonçalves Lins Vieira. As etapas iniciais consistiram em reuniões com as cooperativas de reciclagem, abordagem e tratamento de questões jurídicas, estudos tributários e discussões sobre a forma de gestão das instituições.

A unidade estadual da OCB em São Paulo forneceu todo o suporte legal necessário ao estabelecimento da entidade, assistida até a assembleia que a constituiu, partindo, então, para um trabalho de monitoramento. “A federação fortalece o movimento cooperativista, cria identidade, dá estrutura para que as instituições participem de mais licitações e permite às cooperativas articular e trabalhar juntas, ampliando o poder de negociação tanto em quantidade quanto em qualidade”, avalia Vieira.

Ele cita como exemplo as cooperativas de reciclagem que têm contrato com a prefeitura de São Paulo. Sob a supervisão da Fepacoore, será possível pleitear não apenas um melhor preço por produção, mas também um valor pelo serviço prestado à comunidade. “As cooperativas fazem um serviço público de limpeza e não recebem por isso”, explica. O trabalho desenvolvido até agora pela Ocesp e pela federação abrange a cidade de São Paulo, e o desafio a seguir é fazer um levantamento em todo o estado, inventariando as cooperativas de reciclagem registradas na OCB e aquelas que possam ingressar na organização.



A federação vem para diminuir o preconceito contra as cooperativas quanto à falta de gestão. ”

JAIR DO AMARAL,
presidente da Fepacoore e da Crescer



Flora Egécia

LEGISLAÇÃO

O objetivo da Fepacoore é exatamente aglutinar as cooperativas, visando atender coletivamente às exigências da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei nº 12.305/2010. A PNRS trata especificamente do manejo dos resíduos sólidos e da destinação adequada dos rejeitos - material que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentam outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada.

A legislação traz a responsabilidade compartilhada dos geradores de resíduos sólidos, tanto para fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes quanto para o cidadão e os titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos urbanos. Este é o processo de logística reversa dos resíduos e embalagens - que, segundo a lei, prevê ações e procedimentos que viabilizem “a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos”, ou que lhes deem outra destinação. É nesse ponto que a federação exerce seu papel. A PNRS orienta na busca de parcerias com cooperativas para a realização da logística reversa dos resíduos, levando-os de volta à cadeia produtiva. “A federação vem para diminuir o preconceito contra as cooperativas quanto à falta de gestão”, esclarece o presidente da Fepacoore, Jair do Amaral, que também preside a Cooperativa de Reciclagem Crescer, de São Paulo.

Segundo ele, a iniciativa privada tem receio de firmar acordo com as cooperativas de reciclagem, vistas por muitos como desorganizadas. Por isso, para uma instituição ingressar na Fepacoore, deve se encontrar em determinado nível de regularização. “Neste momento, estamos buscando mais associadas, pois temos o objetivo de chegar ao final do ano com 30 cooperativas, e este é um trabalho feito em parceria com a Ocesp e com a iniciativa privada”, informa. Para 2016, o projeto é a nacionalização das federações, criando uma Confederação Nacional das Cooperativas de Reciclagem, em parceria com o Sistema OCB. O primeiro passo será identificar cooperativas nos estados. Quando somarem três federações, será instituída a confederação.



Flora Egécia



Pouco se pensava em unir para adquirir conquista, pois estavam todos ocupados em conseguir o pão de cada dia. ”

ALEX LUIZ PEREIRA,
diretor-presidente da Coopermiti

COLETA

Mas o grande desafio é mesmo o relacionamento com a iniciativa privada. “Temos de bater à porta, apresentar a federação, porque a lei por si só não adianta; é necessário fazer todo um trabalho de conscientização dos cidadãos, da iniciativa privada e da pública. É um trabalho a longo prazo”, prevê Amaral. Na Crescer, que funciona no bairro paulista de Pirituba com 42 cooperados, alguns bons passos já foram dados.

A cooperativa tem parceria com a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), a Caixa Econômica Federal (CEF), o Banco do Brasil, a Friboi e a Tetra Pak. Em toda a região, foi feito um intenso trabalho de conscientização sobre coleta seletiva. Os coletores passam nas residências para recolher os resíduos sólidos secos (plástico, vidros, metais, papéis). “Quando a cooperativa começou, em 2006, de cada cem casas, apenas cinco separavam o lixo, mas ho-

je, quase 100% fazem a coleta seletiva”, garante Amaral. Agora, quem aderiu à coleta seletiva ganha um selo da Crescer, (que também integra a federação) com a inscrição “Eu participo da coleta seletiva”, para fixar na porta de casa.

Já o Projeto Resíduos Sólidos, do Programa Operação Trabalho, empreendido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo da Prefeitura Municipal de São Paulo (SDTE/PMSP), em parceria com a Crescer, vai capacitar 75 pessoas em educação ambiental, coleta seletiva, manuseio dos equipamentos de reciclagem, abordagem da PNRS e do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS). O projeto começou em abril deste ano e terá três turmas de 25 pessoas. Cada participante recebe da SDTE uma bolsa-auxílio de R\$ 760,20 mensais.

Projetos como esse estão entre as metas da federação, que objetiva capacitar profissionais da área cooperativista de reciclagem, diagnos-

ticar demandas, buscar parcerias com ministérios, secretarias e entidades públicas em geral, além da iniciativa privada, conscientizar a população e, acima de tudo, mudar a visão dos cooperados, mostrando a importância do controle de produção, da logística, da concepção empresarial do cooperativismo.

ELETROELETRÔNICOS, UM IMPASSE

A criação da Federação das Cooperativas de Reciclagem passa por ampla mudança de visão, conforme avalia Alex Luiz Pereira, diretor-presidente da Coopermiti e membro do Conselho Fiscal da Federação. “Pouco se pensava em unir para adquirir conquistas, pois estavam todos preocupados em conseguir o pão de cada dia”, conta. Para mudar a visão até então em vigor entre as instituições de reciclagem, foram criados níveis de associação que devem cumprir requisitos mínimos segundo o grau de regularização. “A cooperativa às



vezes não é regularizada por falta de conhecimento, e a Fepacoore quer dar esse suporte, ajudando no cumprimento dos requisitos legais para que a indústria sinta segurança e veja que pode fazer uma política reversa”, explica.

A Coopermiti atua em um dos segmentos mais complexos: lixo eletroeletrônico. “Na prática, nenhum produtor nos apoia, e esperamos que agora, com a Fepacoore, isso mude”, acredita Pereira. Até o momento a logística reversa de eletrônicos ainda não foi regulamentada pelo governo federal, o que é esperado para este semestre. Por isso, um dos projetos da federação, segundo seu presidente, Jair do Amaral, é assinar um termo de cooperação técnica com o Instituto Nacional de Resíduos (Inre) quanto à logística reversa de eletroeletrônicos, criando e apresentando ao Ministério do Meio Ambiente projetos piloto sobre a melhor forma de destinação do material originário desse segmento.

A grande complexidade do setor se dá em consequência da quantidade de metais pesados tóxicos, e também pelo fato de todos os componentes de uma peça - como a impressora que João Batista Brito estava desmontando - precisarem ter suas origens identificadas, operação que permite traçar o percurso do item e o seu destino final. Na Coopermiti - que mantém convênio com a Prefeitura Municipal de São Paulo na cessão do galpão onde funciona e de dois caminhões, além do pagamento da água e da luz -, o caminho das peças pode ser o museu, a oficina de arte, a



Flora Egécia

recuperação para inclusão digital ou a descaracterização, quando a peça é totalmente desmontada, o que soma 90% de todo o material recolhido.

DEMANDAS

Exatamente por não haver interesse das empresas e também em consequência de a logística reversa para eletroeletrônicos ainda não ter sido regulamentada, a Coopermiti, fundada em 2009, está muito aquém de sua capacidade, que é triar cem toneladas por turno (das 8h às 17h, por exemplo). Atualmente, são recicladas somente 30 toneladas por período. Além da falta de apoio da indústria, há pouca informação para as pessoas, que não sabem o que fazer com os aparelhos indesejados, colocando-os no lixo comum, sem consciência do perigo que isso representa.

Na Cooperaacs - Arte Alternativa e Coleta Seletiva, na sede em que a Fepacoore funciona provisoriamente,



Comparamos material de todas as cooperativas de São Paulo e o que vemos é que esse pessoal é guerreiro, mas não tem apoio ainda, e é aí que entra a federação. ”

SANDRO RODRIGUES,
diretor-presidente da Cooperaacs
e membro do Conselho Fiscal da
Fepacoore



Queremos mostrar o reaproveitamento. ”

AUGUSTINHO DAS NEVES,
artesão da Cooperaacs.
Tem como matéria prima do trabalho
o material de restauro

Flora Egécia



riamente com 25 cooperados, o trabalho é bem mais amplo do que a coleta seletiva. “Trabalhamos por demanda. A última foi a confecção com *pets*, CDs, disquetes, latas de refrigerantes, das bandeiras dos países participantes da Copa do Mundo, colocadas na fachada do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista”, conta Sandro Rodrigues, diretor-presidente da cooperativa e membro do Conselho Fiscal da Fepacoore. “Entrar para a federação ajuda a acompanhar as políticas públicas voltadas para o setor”,

avalia. A Cooperaacs ainda não tem parceria com empresas, mas Rodrigues acredita que esse passo possa ser dado agora, a partir da Política Nacional de Resíduos Sólidos e, também, da instituição da Fepacoore. “Compramos material de todas as cooperativas de São Paulo e o que vemos é que esse pessoal é guerreiro, mas não tem apoio ainda, e é aí que entra a federação”, enfatiza.

O artesão Augustinho das Neves, cooperado da Cooperaacs, escutava a entrevista enquanto preparava mais uma peça para a

exposição *Super-Ação*, com curadoria dele e de Fernando Vieira, no saguão da biblioteca do campus Monte Alegre, da PUC-SP, com oficinas ao final da temporada. Utilizando técnicas de marfeteria, restauro e reciclagem, os artistas reaproveitam pedaços de madeira, plástico e ferro e transformam os materiais em móveis e objetos de decoração, aumentando o tempo útil do que antes seria apenas lixo. “Queremos mostrar o reaproveitamento”, comenta o artista, que expõe em uma universidade pela primeira vez, fazendo a sua logística reversa, pois mostra que não apenas as indústrias têm de se responsabilizar pelo que produzem, mas todos os cidadãos. Ou seja, não necessariamente os produtos têm de retornar para a indústria que os fabricou.

Entre os objetivos da PNRS, destacam-se ainda lutar pelo fim dos lixões e para que o Brasil alcance o índice de 20% de reciclagem de resíduos até 2015, meta do Plano Nacional sobre Mudança do Clima. Do ponto de vista mais humano, outro importante propósito é a inclusão dos catadores de material reciclável e reutilizável tanto no processo de coleta seletiva quanto na logística reversa. Se for para produzir arte como o artesão Augustinho das Neves, melhor ainda. Ele, além de criar, ao fazer a sua exposição e promover oficinas, pratica outra meta da Fepacoore: conscientizar e educar ambientalmente a sociedade. ■

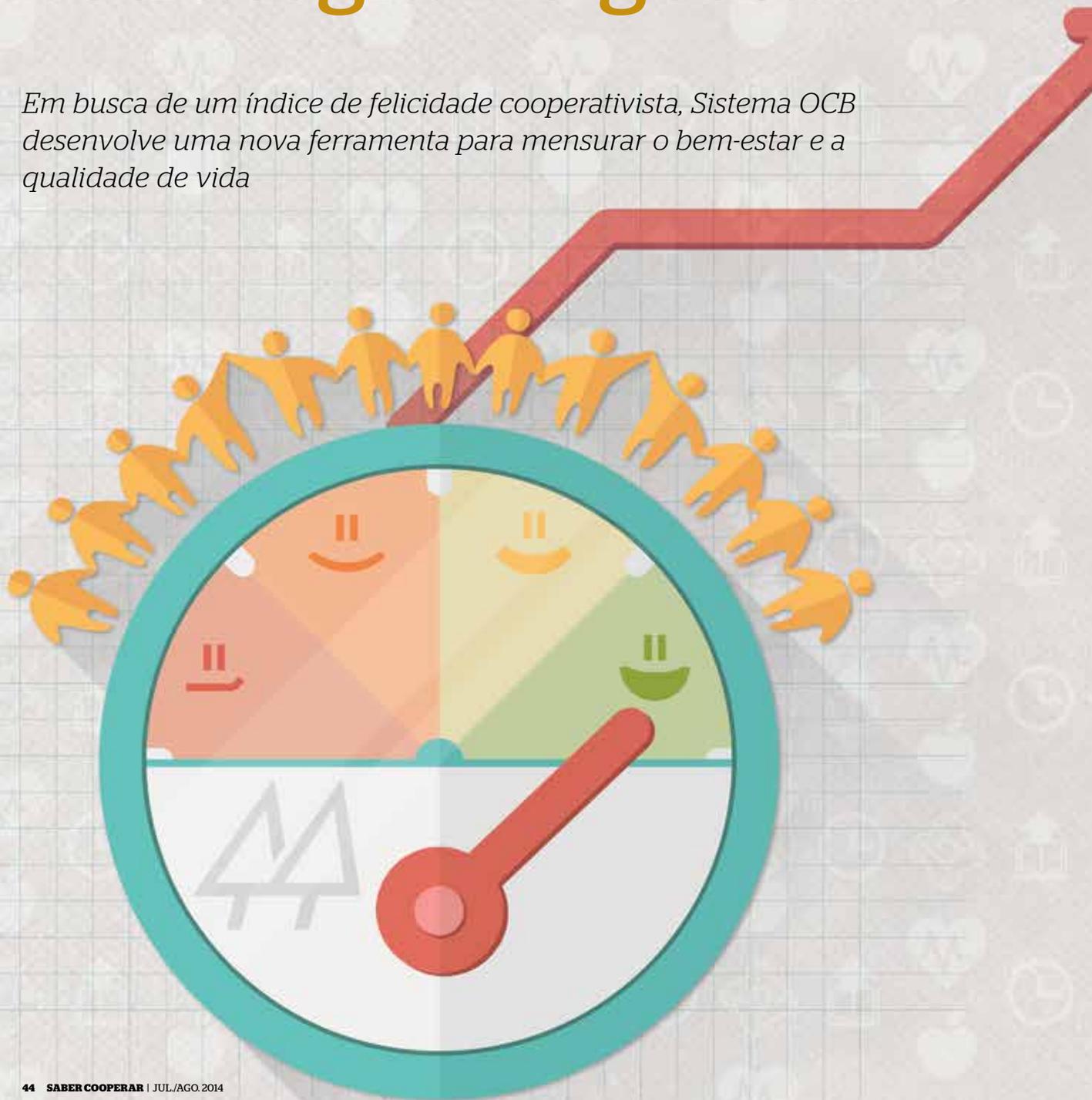


ASSISTA AO VÍDEO E VEJA MAIS
NA REVISTA DIGITAL



Felicidade como estratégia de gestão

Em busca de um índice de felicidade cooperativista, Sistema OCB desenvolve uma nova ferramenta para mensurar o bem-estar e a qualidade de vida



O que é ser feliz? No senso comum, trata-se de um sentimento pessoal e intransferível, mas, para especialistas em gestão, a felicidade é uma poderosa ferramenta de inovação e competitividade no mundo corporativo. Segundo os estudiosos, um indivíduo saudável, satisfeito com seus objetivos e socialmente ativo, isto é, feliz, tende a ser mais produtivo. Uma reportagem na versão brasileira da revista *Harvard Business Review* afirma: “Novas descobertas na neurociência, na psicologia e na economia tornam absolutamente claro o elo entre pessoas felizes no trabalho e melhores resultados empresariais”.

Estudo elaborado pela especialista em recursos humanos Jessyca Price-Jones, no livro *Happyness at work* (A felicidade no trabalho, em tradução livre), aponta que felicidade é um assunto a ser levado a sério. Ela demonstra que os empregados felizes têm mais sucesso, eficiência e saúde, indicativos de peso em qualquer aferição. Os setores de recursos humanos têm investido em programas preventivos, sempre com bons resultados. De olho nessa tendência, o Sistema OCB desenvolveu o indicador Felicidade Interna do Cooperativismo (FIC), inspirado no índice Felicidade Interna Bruta (FIB), que se baseia em valores humanistas para dimensionar a felicidade em grupos e comunidades. O indicador surgiu no Butão, em 1972, como contraponto ao Produto Interno Bruto (PIB), que considera apenas dados econômicos e financeiros para aferir o sucesso de uma nação.



O processo é a mobilização em prol do bem-estar coletivo, esta é a realidade do cooperativismo. ”

MARIA EUGENIA RUIZ,
gerente de Desenvolvimento Social do Sescoop

“Se IDH ou PIB não dão uma dimensão adequada do bem-estar das pessoas, então temos que buscar outro índice, e esse o cooperativismo está preparado para fazer, porque é dos seus valores a preocupação com a comunidade”, avaliou, em outubro de 2013, Roberto Rodrigues, embaixador especial da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimen-

tação (FAO). O FIC, atualmente em fase de aplicação piloto, pretende alcançar cooperativas de todos os ramos e regiões do país. O resultado será apresentado em novembro, com lançamento oficial agendado para 2015.

IMPLANTAÇÃO

O FIC foi moldado pelo Comitê Nacional de Promoção Social, composto por representantes da unidade nacional do Sescoop e das cinco regiões brasileiras. Maria Eugenia Ruiz, gerente de Desenvolvimento Social do Sescoop, explica que o instrumento foi construído para mensurar o bem-estar e a qualidade de vida dos cooperados, dirigentes e funcionários das cooperativas, assim como da comunidade onde estão inseridas.

O ponto de partida é um questionário, composto por 97 itens que abrangem as nove dimensões do FIC, nas quais se incluem, entre outras, padrão de vida, educação, saúde, meio ambiente e vitalidade comunitária. Esta última está alinhada com a campanha nacional Dia de



NAS ORGANIZAÇÕES, AS PESSOAS MAIS FELIZES, EM COMPARAÇÃO COM AS MENOS FELIZES, SÃO:



108%
mais engajadas



82%
mais satisfeitas



50%
mais motivadas



47%
mais produtivas



25%
mais eficientes e eficazes

Cooperar, o chamado Dia C, iniciativa já consagrada em 25 estados brasileiros que promove atividades de voluntariado e ação social pelas cooperativas e unidades estaduais.

“O objetivo do diagnóstico é levantar e interpretar os dados apurados junto ao grupo, propondo alternativas para se estabelecer um equilíbrio, a fim de gerar impactos positivos nos campos pessoal e profissional e, por consequência, nos resultados da cooperativa. Esse processo tem de estar junto e alinhado com a área de recursos humanos, que é pilar estratégico da gestão,” afirma Eugenia. Integrante do comitê nacional que deu forma ao FIC, o administrador Mario Cesar Ralise, gerente de Promoção Social do SESCOOP/SP, comemora a criação da ferramenta que, segundo avalia, vai conectar a gestão de Promoção Social. “Como gestor, fico feliz de participar. Os projetos sociais fazem parte da essência do cooperativismo, mas seus resultados para os ganhos da cooperativa raramente são medidos”, assinala.

APLICAÇÃO

O processo de aplicação do FIC começa com uma sensibilização, por meio de apresentação de conceito e objetivos. Logo após, vem a aplicação do questionário, seguida de avaliação e análise, plano de melhorias, implantação, acompanhamento e uma nova avaliação. Essas etapas são contínuas e a cooperativa desenvolverá um plano estratégico, com um cronograma de trabalho. Neste primeiro momento, o da aplicação pilo-

to, as cooperativas contarão com o apoio técnico e acompanhamento da unidade nacional do Sistema OCB e das unidades estaduais. Para atender às demandas resultantes desse diagnóstico, o Sistema está desenvolvendo um portfólio de iniciativas a serem adaptadas à necessidade de cada cooperativa. A proposta maior, porém, é aproveitar as iniciativas que a cooperativa já implantou ou desenvolver outras que o plano de melhorias venha a apresentar.

Adriano Trentin, superintendente do Sistema OCB/AM e integrante do Comitê Nacional de Promoção Social, lembra que, para quem lida com gestão, o tema felicidade geralmente é abordado de forma superficial. “O FIC dará uma dimensão do que se pode melhorar dentro das nove dimensões”, valoriza. “Ele é, sim, uma ferramenta de diagnóstico que pode motivar a busca por uma vida mais feliz. Obviamente, a empresa e o Sistema usarão o resultado para aprimorar o ambiente.”

Em Manaus, a cooperativa de saúde Uniodonto foi escolhida para contribuir com o projeto piloto. Daniele Magalhães, diretora-presidente, elogiou a iniciativa e pretende levá-la a todos os colaboradores. “Não houve dúvidas, as perguntas estão muito claras e concisas. É uma ferramenta que, a nosso ver, já está pronta para ser aplicada”, avalia. Um retorno satisfatório também foi registrado em São Paulo, onde três cooperativas participaram da fase de aperfeiçoamento da ferramenta e outras três já estão implementando o piloto. “As pessoas es-



Adriano Trentin, superintendente da OCB/AM, com Daniele Magalhães, presidente da Uniodonto, apresentam o FIC aos funcionários da cooperativa

tão receptivas e questionam com muita propriedade”, conta Ralise.

O Paraná também está mobilizado pelo FIC. Em Maringá, no Sicoob Metropolitano, 70 dos 330 funcionários participam do piloto, que logo será estendido a todos. “Desde 2011 buscamos um meio para medir a felicidade do colaborador. O FIC casa com a nossa estratégia”, explica Gustavo Martins Monteleoni, gestor de Planejamento e Desenvolvimento da cooperativa.

Quem apresentou o projeto a eles foi o gerente de Desenvolvimento Humano do SESCOOP/PR, Leonardo Losche, membro do comitê que elaborou o índice. “Uma pessoa feliz, em um ambiente saudável, produz mais e tem menos problemas de saúde. O piloto vai nos ajudar a aperfeiçoar a ideia, para termos certeza de que o FIC faz a diferença”, opina.

MOBILIZAÇÃO

A proposta do FIC, assim como ocorre com o FIB, não é se tornar uma ferramenta para aferição

de clima organizacional, mas propor uma avaliação de componentes da felicidade das pessoas sob a ótica da biopsicologia, ou seja, o ser humano como um todo. Faz parte de um processo que Eugenia chama de *ganha-ganha*. “O cooperativismo é um modelo socioeconômico diferenciado que busca um resultado econômico e um resultado social - está em nosso DNA -, mas um ponto muito importante é achar um equilíbrio entre a preocupação social e os resultados econômicos, pois temos de atuar como empresas competitivas no mercado, sem esquecer os valores cooperativistas”, resume.

Para um bom resultado, todas as cooperativas e respondentes - devem unir-se na busca por soluções e planejar a melhoria pessoal e da cooperativa. A palavra-chave é autonomia. “Após o diagnóstico, desenha-se o plano de melhorias. Não há um prazo para resultados. Os protagonistas das mudanças são as pessoas”, explica Eugenia. “O processo é de mobilização em prol do bem-estar coletivo, esta é a realidade do cooperativismo.”

QUEM PARTICIPA

O indicador Felicidade Interna do Cooperativismo (FIC) é aplicável a qualquer ramo de cooperativa, independentemente da região, do tipo de negócio ou do público-alvo - dirigentes, cooperados, funcionários e comunidade. A participação no piloto é voluntária, sendo todo o processo coordenado pelas cooperativas, com suporte das unidades estaduais do Sistema OCB. Para aplicação do projeto-piloto, foi elaborado um manual de implantação e solicitado o registro da marca no INPI. O resultado vai gerar os últimos ajustes para que a ferramenta seja implementada. Todas as respostas são confidenciais, sendo que o respondente terá uma devolutiva individual. O resultado coletivo representará o índice de felicidade da cooperativa.

“O FIC é uma ferramenta de gestão que busca a efetividade da excelência nos resultados, por meio da gestão sem lacunas; a humanização, ao considerar sua relevância na vida organizacional; e a inovação, ao atingir o extraordinário a partir do simples, com o melhor de cada um. Pretendemos ter, em 2025, um panorama sobre a felicidade proporcionada pelo cooperativismo - o Índice Nacional da Felicidade Cooperativista”, conclui Eugenia. ■





Sistema OCB estimula o debate acadêmico do cooperativismo

Flora Egécia



Susan Miyashita Vilela,
gerente de Desenvolvimento
de Gestão de Cooperativas
do Sistema OCB

Focado em aproximar os mundos acadêmico e cooperativista, o Sistema OCB promoverá, de 20 a 22 de outubro, o III Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo (III EBPC). O evento será na Universidade Federal de Tocantins, numa realização da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo (RBPC), ligada ao SESCOOP. O objetivo do encontro é disseminar o cooperativismo no ambiente acadêmico e potencializar seus conceitos junto à sociedade.

A gerente de Desenvolvimento de Gestão de Cooperativas do Sistema OCB, Susan Miyashita Vilela, acredita que essa aproximação acadêmica traz para o movimento cooperativista a oportunidade de trabalhar novas ideias, que podem resultar em uma melhor forma de gerir as cooperativas no Brasil. “Esse evento visa estimular a interação da academia com o mercado, e com isso buscamos fomentar ações aplicáveis às cooperativas, na forma prática”, explica. “A intenção é que as cooperativas participem desse mundo do conhecimento cooperativo e que haja uma troca de saberes entre sociedade, cooperativas e universo acadêmico.”

Susan afirma que o maior desafio durante a formatação do encontro foi estimular debates que estivessem fundamentados em pontos definidos pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI) como essenciais ao desenvolvimento do setor e à sua consolidação nos próximos dez anos - a chamada "Década do Cooperativismo". Assim, o tema do 92º Dia Internacional do Cooperativismo (data instituída pela ACI e comemorada sempre no primeiro sábado de julho) passou a ser também o do III EBPC - Cooperativismo como Modelo de Negócios: as cooperativas conquistam desenvolvimento sustentável para todos. Posteriormente, foram definidos os eixos temáticos que, igualmente propostos pela ACI, funcionam como um referencial para que os participantes possam elaborar os trabalhos de acordo com os assuntos sugeridos.

O congresso acontece a cada dois anos, em diferentes regiões do país, com a meta de ampliar ações de desenvolvimento do cooperativismo. "A intenção é que o encontro alcance alunos, pesquisadores, professores, instituições e a sociedade de todo o país, até por que o Sistema OCB está presente em todo o território nacional. Queremos promover a intercooperação também no fomento à pesquisa do cooperativismo entre as regiões", reforça Ony Vaz, analista de Desenvolvimento da Gestão de Cooperativas do Sistema OCB.

A programação do III EBPC prevê a apresentação de trabalhos nas modalidades Artigo, Artigo de Iniciação Científica e/ou Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo IC/TCC)



*Troca de
saberes entre
sociedade,
cooperativas
e universo
acadêmico. ”*

SUSAN MIYASHITA VILELA,
gerente de Desenvolvimento
da Gestão de Cooperativas do
Sistema OCB

e Relato de Práticas. Esta última modalidade, complementa Ony, é estendida à sociedade em geral, estando aberta a pessoas que tenham boas práticas realizadas em cooperativas para compartilhar. "Esperamos disseminar experiências de sucesso ligadas ao mundo cooperativista", explica.

PARCEIROS

A superintendente da unidade estadual da OCB de Tocantins, Maria José Andrade, lembra que, além das apresentações dos trabalhos, haverá palestras e mesas-redondas. Para ela, tais atividades representam uma oportunidade de ampliação de networking (rede de contatos) social e profissional, pois abordam questões pontuais, como competitividade e permanência das cooperativas no mercado global. "Considero o encontro uma excelente oportunidade para nos aproximarmos da academia e ao mesmo tempo para os acadêmicos conhecerem melhor o cooperativismo do estado de Tocantins e do Brasil, já que esse evento possibilitará relatos de iniciativas bem-sucedidas de cooperativas", avalia.

À frente da coordenação científica do III EBPC, o professor Airton Cardoso Cançado, da Universidade Federal do Tocantins, destaca que o evento é vital para a consolidação do cooperativismo no país, bem como da RBPC. "É muito importante essa aproximação da academia com o Sistema OCB", valoriza ele, que, desde a formação inicial em administração de cooperativas, pela Universidade Federal de Viçosa, es-

tá envolvido com o cooperativismo.

O encontro permitirá a troca de experiências entre pesquisadores, professores e estudantes em cooperativismo no Brasil, representantes do Sistema OCB e membros de cooperativas e outras organizações de apoio e fomento ao cooperativismo. É uma boa oportunidade para que todos conheçam quais pesquisas estão sendo realizadas pelas academias do país e os conhecimentos que, sobre o assunto, são gerados.

OBSERVATÓRIO, UM INTERCÂMBIO

Em Belo Horizonte, foi lançado, no início de agosto, o Observatório do Cooperativismo Mineiro, que funcionará na Universidade Federal de Viçosa (UFV). “É um importante instrumento de contribuição para as cooperativas mineiras”, valoriza a gerente de acompanhamento de cooperativas do Sistema Ocemg (Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais), Vitória Drummond. A ideia é reforçada pelo coordenador do observatório, professor Brício dos Santos Reis, para quem a meta “é fazer com que as demandas de pesquisas possam ser transformadas em estudos que produzirão resultados aplicáveis e, dessa forma, consigam contribuir para o desenvolvimento do cooperativismo”.

Durante o evento, foi apresentado o primeiro edital para financiamento de pesquisas, que, firmado por meio de um convênio entre a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais



*É um
importante
instrumento de
contribuição
para as
cooperativas
mineiras.* ”

VITÓRIA DRUMMOND,
gerente de Acompanhamento de
Cooperativas do Sistema Ocemg

(Sede-MG), a UFV e a Fundação Arthur Bernardes (Funarbe), dispõe de uma verba inicial de R\$ 70 mil. “Esperamos que projetos de pesquisa de qualidade sejam apresentados”, comenta Santos Reis. “Após essa etapa, a ideia é que o observatório seja incrementado e agregue novas atividades de interesse do setor cooperativista, que deverão ser definidas em conjunto com as entidades diretamente envolvidas.”

PÚBLICO

O Observatório do Cooperativismo está voltado para professores e alunos de universidades que desenvolvem trabalhos vinculados à prática cooperativista, além de dirigentes, cooperados e empregados das cooperativas mineiras. A seleção das pesquisas será feita pelo comitê científico do empreendimento. Os projetos deverão abordar seis linhas temáticas centrais: participação, gestão, sustentabilidade, identidade cooperativa, enquadramento legal e capitalização.

Atualmente, o comitê científico é composto por pesquisadores da UFV, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), da Fundação Pedro Leopoldo, da Faculdade Novos Horizontes, da Sede/MG e do Sistema Ocemg - que teve papel fundamental na organização do observatório. Seguindo os moldes do Observatório Nacional do Cooperativismo, no ano que vem, a unidade de MG pretende ampliar suas ações e formar um banco de dados sobre as cooperativas do estado. ■



Solidariedade entra em campo

A temporada sinaliza vitórias para o time do sistema cooperativista brasileiro. Na esteira do Dia Nacional do Voluntariado, comemorado em 28 de agosto, o Dia de Cooperar (Dia C), este ano celebrado em 6 de setembro, é mais um gol. Criado em 2009 pelo Sistema OCB, o evento estendeu-se além de Minas Gerais, e atualmente conta com a participação de quase todas as unidades do Sistema OCB. Na prática, as atividades do Dia C ocorrem durante o ano inteiro, por meio de projetos que cooperativas de todo o país empreendem.

A proposta central do Dia C é transformar ações isoladas em um vigoroso movimento de solidariedade, com ênfase no desenvolvimento comunitário. A campanha é uma porta aberta para todo mundo conhecer melhor os princípios cooperativistas e as oportunidades que o sistema pode oferecer à maioria da população como forma de desenvolvimento sustentável. Temos confirmado que cada vez mais gente passa a adotar o voluntariado como ação cotidiana.

Contribuir para a melhoria da qualidade de vida é a meta desse verdadeiro batalhão solidário, que marca pontos ao concretizar inicia-

tivas de ajuda ao próximo. Mas o Sistema OCB vai mais longe, ao mostrar, diariamente, que a solidariedade está na alma da população brasileira.

O que a sociedade pode conhecer de perto no Dia C são ações fundamentadas, em especial, no 6º e no 7º princípio do cooperativismo -intercooperação e interesse pela comunidade, respectivamente. Entre outras iniciativas, temos neste ano grandes campanhas, como a de doação de sangue e arrecadação de donativos para abrigos, creches, orfanatos e entidades de tratamento do câncer. Além disso, há ciclos de palestras educativas e de cidadania, atividades culturais e de recreação e oficinas inclusivas de informática para a terceira idade e outros segmentos.

Dos grandes centros aos rincões do país, o cooperativismo mostra sua força e sua capacidade transformadora tanto para as comunidades beneficiadas quanto para as próprias cooperativas. É por meio desse contato mais próximo com a população que nossas associadas ampliam a sua percepção da realidade local e, assim, contribuem diretamente para o desenvolvimento das comunidades.

O Dia C também reforça a essência da doutrina cooperativista, que



busca a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e com equilíbrio das diversas forças sociais. É uma ação que tem tudo para ultrapassar fronteiras. Ao criar uma rede de solidariedade que não para de crescer, solidifica o fundamento do espírito cooperativista não apenas em palavras, mas em ações por meio das quais cada pessoa estará capacitada a fazer sua parte na construção de um mundo melhor. É a cultura da cooperação, essencial ao bem-estar comum. ■



ERRATAS

1. Diferentemente do que foi publicado na seção *Conexão cooperativa* da última edição, José Jairo Martins é superintendente da Fundação Nacional de Qualidade (FNQ); e José Luiz Tejon não é diretor do grupo O Estado de São Paulo.
2. As imagens da matéria Especial IC Agro (**foto**), publicada na página 22 da edição passada, são de Guilherme Kardel.

PDGC

Na Casa do Cooperativismo Mineiro, em Belo Horizonte, a gerente geral do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), Karla Oliveira, participou do lançamento do segundo ciclo do Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC) 2014, evento promovido pelo Sistema Ocemg. O encontro, que reuniu representantes de 80 cooperativas mineiras e de cinco outros estados, teve como objetivo incentivar a reflexão sobre a importância da gestão e da governança nas sociedades cooperativas. O PDGC é um programa nacional desenvolvido pelo Sescoop em parceria com a Fundação Nacional de Qualidade (FNQ), com metodologia pautada no Modelo de Excelência da Gestão (MEG). “Cooperativa boa é aquela que faz bem, atende bem e aplica os conhecimentos adquiridos; e, para isso, precisa investir em gestão econômica e comportamental”, destacou o presidente do Sistema Ocemg, Ronaldo Scucato, durante a abertura do ciclo.

ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

Em parceria com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), o Sistema OCB e suas unidades estaduais realizam uma série de ações de promoção, sensibilização e estímulo do preenchimento do Cadastro Ambiental Rural (CAR). A ideia é fornecer informações para a correta inserção do cooperativismo no processo de implantação do novo Código Florestal brasileiro, dando continuidade ao Acordo de Cooperação Técnica celebrado em dezembro de 2012. “Nós, do Sistema OCB, como representantes do movimento cooperativista nacional, abraçamos essa causa, reafirmando o compromisso das cooperativas brasileiras com a continuidade da produção agropecuária e a preservação do meio ambiente”, defendeu o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “Estamos empenhados no apoio às nossas cooperativas e aos associados no cumprimento à nova legislação, assumindo o papel de facilitadores nesse cenário.”



RAMO EDUCACIONAL

Também as cooperativas educacionais mereceram especial atenção do Sistema OCB, que, a partir de levantamentos iniciados em setembro do ano passado, lançou o Diagnóstico do Ramo Educacional. Na solenidade de abertura do evento, o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, explicou: “A ideia é contar com informações que espelhem a realidade dessas sociedades cooperativas, retratando as particularidades do seu negócio, das regiões onde atuam e apontando quais os principais gargalos para o seu desenvolvimento”. O setor, atualmente, agrega mais de 65,9 mil cooperados.

DIAGNÓSTICO DE CONSUMO

Resultado de um trabalho iniciado em maio, o Diagnóstico do Ramo Consumo, publicação lançada pelo Sistema OCB, apresenta uma série de dados atualizados sobre esse importante segmento do cooperativismo brasileiro - que contabiliza aproximadamente 3 milhões de associados. “As cooperativas de consumo funcionam como verdadeiras balizadoras de preços no mercado desde a origem do movimento cooperativista no Brasil e no mundo”, destacou o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “A consolidação deste diagnóstico é resultado claro de um trabalho de cooperação entre todos do Sistema OCB - unidade nacional, estados e cooperativas.”

AGRONEGÓCIOS, UM SETOR ATENTO

Logística de produção, estocagem e expedição, segurança alimentar e infraestrutura de armazenamento foram alguns dos principais temas debatidos durante a VI Conferência Brasileira de Pós-Colheita, realizada em 14 e 16 de outubro último, em Maringá (PR). Promovido pela Associação Brasileira de Pós-Colheita (Abrapós) com apoio do Sistema OCB, o evento foi aberto pelo ex-ministro da Agricultura Luiz Carlos Guedes Pinto, que abordou os principais desafios do setor. Em pauta, a necessidade de melhorar a logística brasileira, para dar conta de uma safra que cresce em ritmo intenso, mas não é acompanhada pela capacidade de estocagem.



SUSTENTABILIDADE

Com apoio do Sistema Ocepar e organização da STCP e da Milano, a terceira edição do Fórum Sustentabilidade e Governança movimentou Curitiba (PR) em 19 e 20 de agosto. O evento foi aberto com uma palestra de James Astill, editor de Política do jornal inglês The Economist. Participaram representantes de empresas nacionais e de outros países, que se reuniram em torno de painéis de debates sobre temas como sustentabilidade, desenvolvimento socioeconômico e investimentos. Também foram abordadas as tendências e iniciativas associadas a clima, água, florestas e biodiversidade.



O relógio

Em 1999, quando presidia a Aliança Cooperativa Internacional, fui a Lusaka, capital da Zâmbia, para participar do Congresso Africano de Cooperativismo. Depois de três dias de trabalhos exaustivos, recebi dos organizadores, no encerramento do evento, um presente.

Era um pacote com uns 60 cm de comprimento por 25 cm de altura e com uma base larga, de uns 15 cm. Como sempre viajava com bagagem pequena para não ter que despachar nada, o presente não caberia na minha malinha.

Mas o diretor executivo da ACI que me acompanhava recebeu seu presente do mesmo formato, embora bem menor. Ele abriu o embrulho e vimos que era um relógio de estante ou de mesa, de cobre, que tinha base larga, e estrutura vertical retangular com animais em alto relevo e o mostrador no meio.

Perguntei se o meu presente era um relógio também e eles assentiram, de modo que pedi para não ter que desembulhá-lo, uma vez que estava pronto para levar como bagagem de mão. Agradei e segui para Nairóbi, no Quênia.

Minha missão era levar as condolências do cooperativismo mun-

dial aos companheiros africanos, que haviam sido vítimas de um atentado a bomba, e, ao mesmo tempo, interceder junto ao governo do Quênia para conseguir financiamento a fundo perdido para a reconstrução do Banco Cooperativo, uma vez que não havia sobrado pedra sobre pedra, com destruição de computadores, rede telefônica e sistemas diversos durante a explosão.

Depois de quatro dias de visita, fui embora para Genebra, sede da ACI.

Mas aí aconteceu o inesperado. Assim que o pacote de Zâmbia passou pelo raio-X, dois enormes soldados me seguraram e, com voz alta, queriam saber o que era “aquilo”. Meio perplexo, respondi que era um presente ganho no país vizinho e que “achava” que era um relógio. Os dois, irritados, logo questionaram como eu podia apenas “achar” o que era.

O tempo foi passando e fui ficando preocupado, porque via de longe os demais passageiros embarcando no meu voo. Ofereci então o pacote para eles, dizendo que podiam ficar com aquilo, mas não concordaram e acabaram me levando para uma salinha onde estava o chefe deles, ainda mais rigoroso...

Não conseguia entender o que estava acontecendo, até que percebi do que se tratava. Alguns anos antes, o Quênia havia proibido a saída de marfim do país, chegando a incinerar uma pilha enorme de presas de elefantes, num gesto radical contra a criminoso matança desses animais.

E o raio-X identificara, na tal estrutura do relógio, a presença em alto-relevo de elefantinhos com suas presas, supostamente de marfim. Se fosse verdade, eu seria um contrabandista...

Já bastante assombrado com essa hipótese, lembrei-me, na undécima hora, que em minha pasta de mão tinha um exemplar do jornal do dia, em cuja primeira página havia enorme foto em que o presidente da república e eu, com largos sorrisos nos rostos, trocávamos um caloroso aperto de mãos. Ao verem a foto, todos me fizeram uma grande reverência e me escoltaram, pressurosos, até a porta do avião já pronto para partir.

Que sufoco! O pior foi que, chegando dias depois a São Paulo, verifiquei que as presas eram de um ossinho bem mixuruca... Mas se não fosse a foto, talvez estivesse até hoje vendo as horas no Quênia. ■

Mais de 200 milhões

DE PESSOAS NO MUNDO ESCOLHEM
COOPERATIVAS DE CRÉDITO



Serviço local.
BEM GLOBAL.TM

DIA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO[®]

16 DE OUTUBRO DE 2014

Conectados pela #ICUDay
dicc.brasilcooperativo.coop.br



A close-up photograph showing a pair of weathered, brown hands gently planting a young coffee sapling into dark, rich soil. The sapling has several green leaves, with one showing a reddish-purple hue. The background is a blurred field of similar plants.

CARTILHA DO CAR REGULARIZAÇÃO AMBIENTAL

Para as cooperativas, atuar de forma sustentável é um compromisso. E cumprir o que diz a nova legislação brasileira faz parte desse processo.

A fim de orientar os produtores cooperados a se adequarem à nova lei, conhecendo todos os seus benefícios, o Sistema OCB traz uma cartilha que indica os caminhos para a regularização das propriedades rurais.



SistemaOCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP

Baixe o conteúdo completo no site:
www.cooperacaoambiental.coop.br